

SYLVIO PEREIRA

A GRANDE FUGA



Sylvio Pereira
A GRANDE FUGA

2ª edição

SÉRIE VAGA-LUME

TEXTO

Edição:

Fernando Paixão

Assistência:

Marta de Mello e Souza

Preparação dos originais:

Renato Wagner Bacci

Suplemento de trabalho:

Laiz Barbosa de Carvalho

ARTE

Edição:

Antônio do Amaral Rocha

Layout de capa:

Ary de Almeida Normanha

Ilustrações de capa e miolo

Milton Rodrigues Alves

Diagramação:

Elaine Regina de Oliveira

Arte-final:

René Etienne Ardanuy

ISBN 85 08 00654 3

1987

Todos os direitos reservados Editora Ática S.A. —
Rua Barão de Iguape, 110 Tel.: (PABX) 278-9322 —
Caixa Postal 8656 End. Telegráfico “Bomlivro” — São
Paulo

Este e-book:

Digitalização: *Adriana*



Revisão, formatação The flash



com elementos gráficos fornecidos por LAVRo

Um jornalista dedicado à literatura

Sylvio Pereira nasceu em São Paulo, Capital, onde estudou e sempre viveu. Iniciou-se na imprensa com dezessete anos. Trabalhou nas redações do *Correio Paulistano* e de *A Razão*, e chegou a diretor de *O Tempo*. Colaborou, diariamente, por vários meses, na *Folha da Manhã* e, esporadicamente, em outros jornais e revistas.

Formou-se em Direito, na Faculdade do Largo São Francisco. Escreveu dois livros jurídicos e participou ativamente da vida política. Foi deputado estadual pelo antigo Partido Trabalhista Brasileiro. Ocupou cargos de relevância na administração federal.

Apesar dos afazeres de advogado, político, jornalista e também de professor, sempre reservou tempo para a literatura, tendo vários contos e dois romances publicados: *Nem a glória do inferno* (1º prêmio no Concurso Nacional do Clube do Livro) e *Dólares para Vitória*. Em breve, pretende lançar *O preço de um sonho* e *Amanhã começaremos a viver*. Na Série Vagalume lançou também *A primeira reportagem*.

Escreve com facilidade e rapidez, e seus romances giram entre a aventura e o suspense, com muita ação. Na sua opinião, a ficção literária deve procurar apresentar histórias de muita energia e movimento, em que o leitor participe através da criatividade e da imaginação.

SUMÁRIO

1. O primeiro contato
2. A inquietação do desconhecido
3. Uma estranha mansão
4. A desconfiança de Paulino
5. A curiosidade de Cat
6. Os namorados
7. O fim de André
8. A descoberta de Cat
9. Plano para fuga
10. A trégua
11. Cat, a pacifista
12. O depósito de Ali Babá
13. A primeira tentativa
14. A queda de Raimundo
15. A Polícia entra em cena
16. A loucura de Júlio e de Rute
17. Aprendendo a montar o aeróstato
18. A substituição de Cat
19. O balão é nosso
20. Volta à Caverna de Ali Babá
21. Preparando a montagem
22. Os bandidos atacam
23. Preparando o espetáculo
24. A loucura de Cat
25. Pausa para descansar
26. Estratégia para a destruição
27. Começa o ataque
28. A partida
29. A invasão
30. Começa a fuga
31. O tesouro perdido
32. O naufrágio
33. Chegada à praia
34. Esperança para Hildebrando

O primeiro contato

— Raio de caminho! — protestou a exuberante Catarina Viegas, ao tropeçar na pedra oculta pela vegetação.

Paulino Mendes, que seguia logo atrás, riu.

— Cat, você é um assombro.

Ela voltou-se, de mãos na cintura, pronta para a luta.

Era alta, para quase treze anos de idade. Os cabelos ruivos emolduravam o rosto de traços harmônicos e que revelavam alegria e destemor.

— Diga logo a bobagem.

— Verdade pura. Reclama e resmunga, como velha rabugenta. Há vinte minutos, marcados no relógio, que aguentamos o seu mau humor.

— É bem atrevido! — protestou Cat com falsa indignação, porque na verdade se divertia. — Vou assanhar Rosnã contra você.

Ao ouvir o seu nome, o cão, de porte médio, raça indefinida e pelo marrom, colocou-se ao lado da menina.

— Bem que merecia umas mordidinhas, nada de aleijar, para aprender boas maneiras.

Paulino zombou:

— Esse vira-lata não vale nada. É medroso e ridículo, até no nome.

— Rosnã é um bom nome: original, forte e apropriado para um cachorro de classe. E você gostou, não é, companheiro? — replicou ela, acariciando o animal.

Este rosnou, justificando o nome.

Cat prosseguiu:

— É cômico esse pouco caso. Lembre-se de como se chama: Paulino! Além de feio é ... subnome. Faltou-lhe competência para ser Paulo. Teve de contentar-se com um mísero Paulino, isto é, metade de Paulo.

O jovem ria, mas Júlio não compreendia brincadeira daquele gênero. Observou:

— Ei, mana, por que não deixa de palhaçada?

— Ele chamou o meu Rosnã de vira-lata.

— E não é?

— Claro que não.

— Então qual é a raça?

— Meu Deus, quanta ignorância! Rosnã é... Bem, é um multirraça — concluiu vitoriosamente.

Paulino ria. Disse a Júlio:

— Precisa levar sua irmã ao médico. Está completamente biruta. Multirraça! É demais, mesmo para ela.

— Cuidado com as dentadinhas — ameaçou Cat.

O possível mordedor desinteressara-se da disputa. Adiantara-se e, saindo da estrada, começou a rosnar, ao lado de um buraco bastante grande.

A garota acercou-se. Foi quando ouviu os gemidos.

Levantando as duas mãos abertas, reclamou silêncio. A fisionomia e a atitude revelavam apreensão.

— Psiu! Parece alguém gemendo.

Os dois também ouviram. Rosnã andava à volta do buraco, excitado.

— Vem daquele fundão — bradou a menina.

Aproximaram-se de uma depressão, larga e profunda, cavada pela chuva persistente e abundante que caíra nos dois dias anteriores. Localizava-se à margem do caminho.

No fundo, avistaram um homem, estendido no barro quase seco. Gemia.

Rosnã já estava ao seu lado.

Paulino desceu pela face menos íngreme. Gritou para cima:

— Está ferido ou doente. Venham ajudar.

O homem aparentava 55 anos. Gemia fracamente, com os olhos semicerrados. Parecia ter dificuldade para mover-se. Apertou nervosamente o braço de Paulino com a mão esquerda e implorou, com voz trêmula:

— O comprimido, por favor. Está no bolso esquerdo interno do paletó. Não consigo levantar o braço direito para apanhar o remédio. Está preso sob o meu corpo.

Paulino introduziu a minúscula pastilha na boca do desconhecido, que murmurou, com voz débil:

— Ajudem-me. Acho que sofri alguma fratura, Não consigo mover a perna direita e preciso sair logo daqui. Rute ficou só. É perigoso, muito perigoso.

A aflição do desconhecido comoveu os jovens. Cat, que descera antes de Júlio, animou-o, batendo amistosamente no seu ombro. Paulino assegurou:

— Não se preocupe. Tiraremos o senhor deste buraco.

As condições do terreno, muito inclinado, limoso e escorregadio, e a necessidade de cautela para não agravar o sofrimento do velho tomavam a tarefa difícil. Depois de suados esforços, os rapazes conseguiram levá-lo para o caminho. Valeu-lhes o bom preparo físico, adquirido pela prática persistente de esportes, principalmente de natação, em que eram considerados dos melhores, no clube de Estrela da Serra, cidade onde viviam.

Quando levantavam o acidentado, o seu paletó abriu-se. Surpreso, Paulino viu o revólver no coldre, pendurado sob o braço esquerdo. Rápido gesto ocultou a arma.

Os jovens não podiam suspeitar, mas acabavam de ter contato com um dos membros do perigoso bando dos novos piratas e seriam envolvidos na luta interna que explodira na quadrilha. A vida dos três jovens estava sob terrível ameaça.



*O homem gemia fracamente, com os olhos semicerrados.
A aflição do desconhecido comoveu os jovens.*

Voltemos ao amanhecer daquele sábado. Os irmãos Júlio e Cat e o primo Paulino, colegas de escola e de esporte, iniciavam a excursão a Areia Branca, tranquila e modesta vila de pescadores.

Pretendiam treinar pesca submarina, em local preferido pelos entendidos, e almoçar na casa de Jacó Parreira, tio de Paulino e que lhes emprestaria o material para mergulho.

Não encontraram a pessoa procurada. Estava de viagem, em companhia da esposa, para São Sebastião, só voltando ao anoitecer.

Lancharam num bar e empreenderam o caminho de volta. Caminhavam sem pressa, de preferência pela praia, gozando a temperatura amena, após dois dias de chuvas intensas.

Estavam no meio do caminho, quando Paulino descobriu o embarcadouro, algo encoberto pela vegetação.

— Não se trata de obra exclusivamente da natureza — notou Júlio.

Havia sinais de uso recente, mas o local e arredores estavam desertos. Quem dele se utilizaria?

A curiosidade desafiou-os.

Como dispunham de bastante tempo, resolveram, apesar de leve oposição de Cat, abandonar a estrada e tomar a vereda, que se aprofundava na mata.

Após quinhentos metros de caminhada sem pressa, encontraram o desconhecido.

Estenderam-no no caminho. Mostrava-se abatido, pela dor e pela inquietação. Cat procurava infundir-lhe ânimo e aproximou de seus lábios o cantil, que enchera de água fria e pura, alguns momentos antes. Bebeu sofregamente.

Rosnã cheirava-o. Parecia desconfiado. Foi afastado pela menina.

— Não se incomode — falou o velho. — Estou acostumado a cães.

Com a cabeça, indicou Rosnã:

— Sentiu o cheiro dos meus dois filhas, mas não desejaria que chegasse perto deles. São muito brutos e fortes.

Júlio examinava a perna do ferido:

— Duvido que esteja quebrada. Talvez luxação ou distensão.

— Parece um doutor, com esse palavreado difícil! Estou impressionada — zombou Cat.

— Não chateie. São palavras comuns, na enfermaria do clube. Sabe que gosto de estar por lá, ajudando.

Tirou, cuidadosamente, os sapatos e as meias do ferido e disse:

— Tente mexer o pé e os dedos.

Conseguiu.

— Acho que o senhor pode ficar sossegado. Passou no teste utilizado pelo médico do clube. Não existe fratura.

Paulino observava a roupa de bom pano e a maneira de falar do desconhecido, a quem atribuiu cerca de sessenta anos de idade. Pensou:

“Não se trata de caiçara e é novato nesta zona”.

Indagou:

— De passagem?

Após curta hesitação:

— Sou uma espécie de caseiro de propriedade.

— Não me lembro de ter visto o senhor, em Estrela da Serra.

Referia-se à pequena e agradável cidade à beira-mar, considerada o centro de interesse comercial e social daquela zona.

— Raramente desço até lá.

Abandonou o assunto, que evidentemente o desagradava.

— Sou propenso a crise de angina — apontou o peito. — A dor foi muito intensa e rápida. Não tive tempo de tomar o medicamento, que sempre trago comigo. Perdi o equilíbrio e rolei para aquele sumidouro.

Lamentou-se:

— Não devia deixar Rute sozinha. O problema é voltar para casa, quanto antes, mas esta perna...

Paulino interrompeu-o:

— Não se preocupe. Carregaremos o senhor.

3

Uma estranha mansão

Levantaram o acidentado, que se aguentou na perna sã, apoiado em Cat. Os rapazes improvisaram, com os braços, uma cadeira, em que ele sentou-se.

— Talvez aumente a dor — avisou Júlio. — Poderemos falsear o pé, neste caminho cheio de pedras. Haverá uma ou outra sacudidela.

— Vamos em frente — comandou o ferido. — Não se incomodem com meus gemidos.

Ajuntou:

— Preciso chegar logo. Rute deve estar tão preocupada quanto eu. Fiquei naquele buraco por três horas, ou mais.

Após vinte minutos de marcha lenta e difícil, o caminho parecia terminar. Árvores, arbustos e farta folhagem tolhiam a continuação.

O desconhecido disse a Cat:

— Force a passagem, junto ao barranco da direita, afastando galhos e ramagem. Encontrará, novamente, o caminho.

De início, a menina quase desanimou, tal o emaranhado da vegetação. A seguir, esta rareou. A trilha, em melhor estado de conservação, voltou a mostrar-se, franqueando a passagem.

Cinquenta metros depois, chegaram a um muro de sólida alvenaria, com reforço de pedra e cuja altura atingia cerca de três metros. Na parte superior, estendia-se agressiva fileira de cacos pontiagudos de vidro. Ao lado do caminho, a curta distância da muralha, existia formação rochosa de proporções reduzidas e de metro e meio de altura.

Detiveram-se ao chegar à estreita e resistente porta.

Latidos furiosos, aterrorizantes, sobressaltaram os jovens e fizeram Rosnã encolher-se junto a Cat, apavorado. Não era o modelo de valentia que a menina imaginava.

O velho esclareceu:

— Sultão e Diana perceberam a nossa presença. Cuidado com eles. São quase selvagens.

Cat agarrara-se, instintivamente, ao braço do irmão, mas se afastou, ao notar o riso de zombaria de Paulino. Fingiu não ouvir o comentário:

— Que medão, hein, Cat?

Disfarçando a perturbação, a garota perguntou ao velho:

— Como levaremos o senhor para dentro?

— Será desnecessário. Os de casa me ajudarão.

Acrescentou:

— Não se impressione com os meus filhas. Estão treinados para obedecer-me. Só atacariam se eu ou Rute mandássemos. É bom segurar o seu cão.

Cat levantou-o nos braços. Passou-lhe despercebida a inquietação de Paulino, que, tendo três e quatro anos mais do que os primos, considerava-se responsável pela sua segurança. A atitude e o tom de voz do velho deram-lhe a impressão de que o aviso encobria uma ameaça.

Aumentava a violência dos cães, ladrando e atirando-se contra a porta. O velho gritou, com energia surpreendente para quem parecia tão enfraquecido:

— Quietos, Sultão! Pare, Diana! São amigos.

Ouviram-se alguns roncos, interrompidos por uma voz juvenil, vinda do interior:

— Que demora, papai!

— Alguma novidade?

— Nenhuma.

A fisionomia do velho revelou alívio.

— Abra a porta, Rute. Tenho o que contar.

Pouco depois, os três amigos conheciam a jovem alta, delgada, de cabelos claros e rebeldes. Mostrou-se apreensiva, quando viu o pai carregado.

— Não se impressione — sossegou-a Paulino. — Nada de grave.

Alongando a vista além da porta, o observador Júlio surpreendeu-se com as dimensões e a solidez das construções. O conjunto lembrava um daqueles refúgios de malfeitores dos filmes.

Perguntou-se: “Quem seria o inimigo?”

Pareceu-lhe claro que os moradores temiam algum ataque.

Era uma estranha mansão.

A desconfiança de Paulino

Assim que atravessaram a porta, o velho disse aos que o carregavam:

— Deixem-me no chão. Posso aguentar.

Não conteve um gemido, quando os pés entraram em contato com o solo. Falou, com voz insegura:

— A dor não é tão forte.

Acrescentou:

— Devem estar ansiosos para continuar o seu caminho. Muito obrigado. Com auxílio de Rute, conseguirei atravessar o pátio e chegar à casa.

A moça discordou:

— É muito pesado e mal pode ficar de pé. Não terei força para carregar o senhor.

Ignorando os protestos mal disfarçados do acidentado, dirigiu-se aos jovens:

— Desculpem o abuso, mas será grande favor que completem o bom serviço, levando o pai para dentro de casa.

— Está bem — assentiu Paulino, com relutância.

O velho apoiava-se no batente da porta e não ocultava o nervosismo. Dirigiu-se aos jovens:

— Por favor, preciso de dois minutos a sós com minha filha.

Quando ficou só com Rute, disse com aspereza:

— Esses meninos não devem entrar. É perigoso para eles e para nós. Logo a luta entre Assad e Rino chegará a esta casa. Não devemos permitir que três inocentes sejam envolvidos.

— O senhor prometeu romper com Assad e livrar-se do bando. Esta é a boa oportunidade. Vamos embora com os garotos. Eles nos ajudarão a transportar o que nos pertence. Assad e Rino estarão ocupados em guerrear-se; não nos perseguirão.

— Agora é impossível. Tenho muito dinheiro com Assad. Não desistirei, depois de tanto perigo e tanta preocupação. Precisamos desses recursos. Prometeu pagar em quatro dias. Assim que receber, romperei essa maldita associação.

— Mas...

— Não adianta insistir. Tenha um pouco de paciência, mesmo porque me faltam condições físicas para fugir. Esqueceu-se de que nem posso andar?

A moça, revoltada:

— Devo, então, expulsar os garotos?

— Calma! Para que despertar curiosidade e talvez suspeita? Deixe que me levem até a cozinha, mas não retarde a partida deles.

Paulino mal disfarçou o desapontamento, quando o velho pediu que o carregassem.

Fora bastante claro o interesse de Hildebrando no afastamento dos três amigos. Esperava que convencesse Rute, liberando-os.

Aquela residência, estranha e sombria, inquietava Paulino. Por que levantariam, em lugar pouco visitado, tranquilo, a sólida e, de certo modo, ameaçadora construção?

Pensou em afastar-se, sem explicação, mas temeu a recusa de Júlio e, particularmente, da rebelde Cat em acompanhá-lo. Não podia abandonar os companheiros.

Com um suspiro, fez sinal a Júlio. Conduziram o velho para o interior da residência-fortaleza.

5

A curiosidade de Cat

A construção principal era isolada pelos amplos pátios da frente e dos fundos e pelos extensos corredores laterais, estes interrompidos por muros, pouco antes de chegarem ao pátio dos fundos. Pequenas portas garantiam a circulação dos cães.

Paulino começara a cansar-se. Preocupou-se com o primo, que, menos resistente, parecia exausto.

Sentiram-se aliviados quando instalaram o ferido na poltrona de madeira, logo após a porta. Estavam na cozinha.

Era crescente a impaciência do velho. Procurou emprestar firmeza à voz:

— Bem, amigos, renovo os agradecimentos.

Dirigiu-se a Rute:

— Sem a intervenção deles, estaria morto, no fundo daquela desgraçada barroca, mas já tomei muito do seu tempo e...

Rute interrompeu-o:

— Gostaria de servir um lanche. Seria rápido.

Paulino replicou, prontamente:

— Muito obrigado, mas devemos ir. Nossas famílias podem estranhar a demora.

— Sei que estou abusando — disse Rute — mas, por favor, transportem o pai para a sala ao lado. Terá mais conforto, deitado no grande sofá que lá existe. Costuma dormir lá.

Efetuiu-se a transferência, com a concordância do paciente, que ansiava por repousar no leito improvisado.

Fechou os olhos e pareceu não ouvir Rute dizer a Paulino:

— Estou apreensiva com o aspecto dele. Talvez necessite de socorro médico. Se vocês se forem, não saberei como arranjar-me. Estou sozinha com ele e não temos telefone.

— Quer que mande socorro de Estrela?

— Somente em último caso. Ele detesta médico e hospital.

O velho ouvira, vagamente, a alusão a médico. Reagiu com veemência:

— Nada de médico. Um pouco de repouso e estarei bem.

Rute e os jovens entreolharam-se. Paulino disse:

— Estaremos torcendo para que tenha razão. De qualquer forma, um de nós poderá vir amanhã, para ajudar.

— Não se incomodem. Já disse que estou normal — foi a réplica, quase irritada.

A conversa reduzira a apreensão de Paulino, que se acusava, intimamente, de alarmista, de exagerado. Resolveu apresentar-se:

— Chamo-me Paulino Mendes. Júlio Viegas e a irmã, Catarina, que tratamos de Cat, são meus primos.

Riu e acrescentou:

— Não se enganem com o silêncio de Cat, que parece tímida e encabulada. Deve estar com medo dos cachorros.

— Deixe de exhibir-se, garoto — interrompeu a menina. — Não tenho medo de cachorro e nem de gente.

— Bravo! — exclamou Paulino. — Temos uma heroína! Joana d’Arc ou Maria Quitéria?

— Escute, menino...

Júlio interveio, aborrecido:

— Deixem de briguinhas bobas, ao menos na presença de pessoas que a gente mal conhece.

Paulino dirigiu-se ao velho:

— Desculpe. Não resisti à tentação de provocar a nossa explosiva amiguinha.

— Mau-caráter — resmungou Cat.

O rapaz sorriu e apontou para Rute:

— Já ouvi o seu nome, mas não o do seu pai.

— Hildebrando Noronha. Vive nesta casa, faz dois anos; eu cheguei há três meses.

Hildebrando desinteressara-se da conversa e só interveio para acelerar a despedida:

— Não deve retardar nossos amigos, Rute. Despeça-se logo.

Nesse momento soou a campainha da porta principal. Alarmado, o velho, com esforço, sentou-se no sofá. Ordenou, nervosamente, a Rute:

— Veja quem é, mas não se apresse. Grite com Sultão e Diana, dando a entender que tem dificuldade para conter os cães. Abra somente para o sr. Assad.

— E se for Raimundo?

Hildebrando encolheu os ombros, algo impaciente:

— Também pode entrar.

Dirigiu-se, agitadamente, a Paulino:

— Encontram-se em terrível perigo. Não posso explicar agora. Volte com os companheiros à cozinha e entrem na pequena despensa. Fechem a

porta. Não façam barulho. Saiam somente quando Rute disser.

— Mas... — tentou argumentar Júlio.

A voz de Hildebrando soou, desesperada:

— Não discutam! Depressa, ou estão perdidos.

Assustados, os meninos obedeceram. Cat foi a última a sair. Enquanto os companheiros corriam na direção da despensa, ela, embora apavorada, deteve-se na copa, junto à porta, que conservou entreaberta, para a sala. A curiosidade era invencível. Precisava descobrir o mistério daquela casa triste e ameaçadora.

6

Os namorados

Reclamando em voz alta contra os cães, Rute aproximou-se do portão e olhou através de pequena abertura.

A fisionomia amenizou-se ao rever Raimundo Ortega, secretário particular e sobrinho de André Assad. O visitante encontrara vários pretextos para aparecer, com frequência, nos últimos três meses.

Rute contava dezoito anos e ele vinte e dois. Sentiam-se atraídos um pelo outro.

Um pouco mais longe, estacionara a imponente limusine preta em que André e o motorista aguardavam.

A moça abriu o pesado portão, com a ajuda de Raimundo, que avisou:

— O chefe está pegando fogo e muito apressado; explode por qualquer coisa.

Assim que o carro entrou no pátio, André saltou, com agilidade surpreendente, considerando-se a idade e o físico avantajado. Nos traços fisionômicos grosseiros, havia irritada preocupação.

— Por que a demora?

Rute tentou desculpar-se, mas, com gesto rude, ele a interrompeu:

— Deixe pra lá.

Empurrou a porta e entrou na sala.

Pálido pelo esforço e também pela preocupação, Hildebrando ficara de pé. Apoiava-se no encosto de uma poltrona. O olhar penetrante e reprovador de André levou-o a justificar o mau estado físico.

— Pequeno acidente, chefe. Logo me recupero.

— Será bom. Preciso de você. Trabalho de responsabilidade.

— Pode confiar. Nunca falhei.

Raimundo estava ao lado de Rute. Não se atrevia a dirigir-lhe a palavra. Temia a reprovação de André, sempre pronto a criticar, com zombaria ou asperamente.

Este ordenou:

— Vá ao carro e apanhe a maleta.

Poucos minutos depois, Raimundo colocava-a na mesa da sala.

Com um sorriso de deboche, André determinou:

— Leve Rute para uma paquera, aí fora. Sei que os dois estão loucos para isso.

O descaramento irritou a moça, mas o protesto foi contido. Não daria pretexto para André furtar-se ao pagamento devido a Hildebrando, sob a alegação de hostilidade da parte dela. Mordeu os lábios com raiva e acompanhou o rapaz.

A cada dia, mais se acentuava o desprezo pelo chefe, mas a animosidade não atingiria o secretário e sobrinho. Para ele, reservava uma crescente e suave ternura, que sabia plenamente correspondida, embora ainda não houvessem falado a respeito.

7

O fim de André

O chefe sentou-se numa poltrona. Não falou de imediato. De olhos semicerrados, lutava contra a própria indecisão. Temia que Hildebrando já estivesse do lado de Rino, mas precisava tentar. Decidiu-se:

— Somos companheiros há dez anos, Hildebrando. Sempre lhe dei apoio. Lembre-se de que nos conhecemos quando estava na pior. Perdera o emprego de professor de inglês, por causa de repetidas bebedeiras; estava sem recursos e a Polícia andava à sua procura, por furto. Resolvi a dificuldade na Delegacia e paguei-lhe salários que tomaram possível colocar Rute em bom colégio.

As recordações eram humilhantes. Hildebrando protestou:

— Para que desenterrar o passado? Também lhe dei dedicação e trabalho. Arrisquei a vida, algumas vezes, e a liberdade, constantemente.

— Sim. O perigo e a lealdade nos tomaram amigos. Conto somente com você.

— Não entendo. E os outros?

André forçou um sorriso.

— São traidores e canalhas. Não merecem confiança.

Prosseguiu:

— A fiscalização nos portos aumentou e, nas embarcações, há vigias bem armados, dia e noite. Fui obrigado a diminuir os assaltos, até a situação acalmar-se.

Depois de breve pausa:

— Miguel e Batista, os mais esganados por dinheiro, começaram a achar ruim. Rino aproveitou a oportunidade para fazer campanha contra mim. Disse que a organização se aproximava do fim e que estou acabado.

Deteve-se e olhou, suspeitosamente, para o subordinado:

— Soube alguma coisa?

— Demétrio conversou comigo, ontem à noite. Não passou do portão.

— Que disse?

— Falou vagamente em rebeldia, em denúncia. Não dei trela, embora ficasse preocupado. Que aconteceu, realmente?

— Alguém me “entregou” ao delegado de Estrela. Ele sabe que sou o chefe.

— Mas... — a voz de Hildebrando traía nervosismo.

— Calma. Somente acusaram a mim.

Continuou:

— Tenho gente na Delegacia. A ordem de prisão foi retardada. Se não for possível controlar, terei de me mandar, durante algum tempo, mas quando voltar...

Riu, com ódio, e prosseguiu:

— Rino decidiu assumir a chefia. Convenceu alguns ignorantes. Benito, que não foi na lábia, desapareceu.

— Devia saber que Rino é um canalha.

— Nunca tive dúvida, mas, por companheirismo, não lhe dei a dura que merecia. Dias atrás, poderia esmagar o salafrário, sem esforço. Agora, as coisas mudaram.

— Que espera de mim?

— Ajuda. Terá de esfriar o malandro; fazer com que diminua a pressão. Preciso de dois dias, para reorganizar a nossa gente.

Hildebrando coçou a cabeça:

— Como fazer Rino parar?

— Confio na sua cabeça; quando chegar a oportunidade agirá como deve. E não poupe promessas, em meu nome.

— E que não cumprirá.

— Provavelmente. Tudo vale, tratando-se de Rino. Nunca procedeu com decência. É capaz de trair a própria mãe, se lhe resultar em alguma vantagem.

Continuou, com vigor:

— Tem de impedir que acesse o portão da residência. Se conseguir entrar, ficarão em risco a sua vida e a de Rute. Lembre-se de que Rino é um louco assassino.

Acrescentou, com raiva:

— Um absurdo deixar que a sua filha viesse para cá.

Hildebrando procurava controlar a aflição que o invadia.

— Ela nem me avisou. Apareceu, sem mais nem menos.

Curvou a cabeça, com tristeza, e lamentou:

— Sabe, agora, qual é o meu ramo de negócio.

— Depois discutiremos esse assunto. Temos de controlar ou... eliminar Rino. É a ameaça imediata.

Hildebrando avaliava o perigo que este representava. Conhecia a sua maldade e falta de escrúpulo.

A fim de combater o pavor que se apossava do velho, André procurou animá-lo, estimulando a cobiça, a ambição:

— Naquela maleta está tudo o que pude reunir, em dinheiro e em

outros bens facilmente transportáveis. Será para nós dois. Ficará em seu poder; mais tarde, dividiremos.

Hildebrando resistia:

— Estou doente, André. De que jeito contarei Rino?

— Com o seu bom papo ou impedindo claramente que se aposse disto aqui. Se houver determinação, ele não conseguirá. Está numa fortaleza, amigo, e quero apenas quarenta e oito horas de resistência.

Impediu a interferência de Hildebrando:

— Dispõe de armas. Usando metralhadora e granadas, enquanto estiver no alto da torre, será brincadeira de criança deter os pés-de-chinelo.

Acrescentou, rindo:

— Creio que não se chegará à violência. Tiros e explosões chamam a atenção, inclusive da Polícia. Rino não se atreverá. Tudo acabará numa boa conversa.

Avistou, nesse momento, Rosnã, que se aproveitara de descuido de Cat para escapulir. Plantara-se em frente do chefe, encarando-o fixamente.

— Onde achou o vira-lata? — gritou, irado, disfarçando ligeiro temor.

— Apareceu. Não sei a quem pertence.

— Livre-se dele. Parece traiçoeiro. Fora, vamos, fora! — berrou para o provocante Rosnã.

Este deixou a sala, sem pressa, com toda a dignidade.

Assad ficara mais aliviado, após a conversa. A confiança voltava. Podia contar com Hildebrando.

Ao sair, avisou:

— Deixarei Raimundo para ajudar. É bom companheiro. Ficará de vigia, na torre.

A caminho do carro, chamou o jovem. Disse, com ar zombeteiro:

— Terá um prêmio invejável. Poderá namorar, à vontade, enquanto mantém vigilância, da torre. Se algum atrevido tentar invadir, fogo nele.

Não houve tempo para réplica. Assad entrou no auto, ordenando que fosse aberto o portão.

Raimundo fechou-o, rapidamente, assim que o veículo saiu. Avistara dois companheiros de Rino, por perto.

O motorista acelerou a marcha, mas não iria longe. Findara a sorte de André. Ele seguira para a destruição.



— *Ficará em seu poder; mais tarde, dividiremos.
Ao ouvir isso de André, Hildebrando resistia.*

Assim que André deixou a sala, Cat correu em direção à despensa, puxando Rosnã.

Estava apavorada. Mal podia falar.

Paulino sacudiu-a:

— Calma, garota. Respire fundo e fale devagar.

— São piratas! Bandidos de matar e roubar!

— Piratas?! Esses que atacam navios?

Ela acenou afirmativamente.

— Está brincando. Não existem, há muito tempo.

— Errado — interveio Júlio. — Não faz muito tempo, meu pai comentou notícias de ataques a embarcações, atracadas em portos e em viagem. Os novos piratas dominavam e, às vezes, liquidavam as tripulações ou os vigias e desapareciam com a carga de mais fácil transporte. A Polícia estava tonta com a rapidez e eficiência dos criminosos.

— É verdade — disse Cat. — Lembro-me de que também ouvi alguma coisa, mas, no momento, não me interessei.

Passou a reproduzir o que escutara. Quando terminou, Paulino, em companhia dos primos, dirigiu-se à sala.

— Esperava Rute, para mandar chamar vocês — disse Hildebrando.

— Cat ouviu a conversa com o seu André. Vamos embora já.

— É o que devem fazer. A demora pode resultar em tragédia.

Após breve hesitação, Paulino declarou:

— Queremos levar o senhor e Rute.

O nervosismo de Hildebrando era evidente.

— Não seria justo. Atrasaria vocês. Nada têm com este negócio sujo. Fiquem longe dele.

Nesse momento, entrava a moça, em companhia de Raimundo. Grande foi a surpresa deste e também dos três amigos.

— Quem são? — indagou Raimundo.

Não houve tempo para a resposta. Pela porta, que haviam deixado aberta, chegou o estrondo do choque de veículos, estampidos e gritos.

— Santo Deus! — exclamou o moço. — Estão atacando.

Precipitou-se para a escada que conduzia à torre. Seguiram-no Rute e Paulino. Júlio demorou-se, para apanhar o binóculo que vira numa estante. Chamou a irmã e ambos correram, seguidos por Rosnã.

Do pequeno compartimento de forma circular, com amplas janelas para todos os lados, construído acima do telhado, avistavam-se a frente e, em parte, os dois lados da residência.

Viram o carro negro de André, parado a cinquenta metros do portão, com a frente semi-enterrada no barranco. Um furgão abalroara-o, violentamente, pelo lado esquerdo.

Estava rodeado por cinco ou seis companheiros de Rino. Nem com o auxílio do binóculo conseguiram perceber o que realmente acontecera ao chefe e ao motorista.

Na limusine, os bandidos procediam a busca desesperada e raivosa. Bancos e tapetes eram arrancados e atirados no mato.

Um dos bandidos gritou:

— Nada, Rino. Não achamos coisa alguma.

— São uns idiotas. Com um pouco de jeito, aqueles dois dariam o serviço.

Falou, mais baixo, mas foi ouvido na torre:

— Pouco importa. Se a maleta não está no carro, ficou em poder de Hildebrando. Nós encontraremos.

Raimundo estava transtornado.

— Meu Deus! Acho que liquidaram o tio.

Rute animava-o:

— Calma, Raimundo. Rino não se atreveria. O seu André tem muitos amigos. Haveria reação.

Continuou:

— Além disso, você nada poderia fazer, contra tantos atacantes.

— Nem que fosse o Super-Homem — comentou Cat, arrancando desolado sorriso do rapaz.

9

Plano para fuga

Paulino não se esquecera do comentário do chefe dos agressores. Ficara claro que planejava a invasão da residência.

Experimentou arrepio de medo, menos por si do que por Cat e também por Rute. Hildebrando lhe contara como eram cruéis e sem escrúpulos os novos piratas.

Dirigiu-se a Raimundo:

— Precisamos descobrir um meio de fugir dessa enrascada.

— É a solução. Não dá para enfrentar Rino e seu bando.

— Eu, pelo menos, não quero saber de briga — interveio Cat, fazendo uma careta para Paulino. — Esse negócio de guerra, de violência, é para adultos tontos.

O rapaz sorriu, abanando a cabeça:

— Essa Cat...

A atenção voltara-se para Raimundo, que apanhara a metralhadora, de uma arca. Observando o mal-estar dos companheiros, sossegou-os:

— Não se impressionem. É só para amedrontar, se alguém pretender pular o portão ou a muralha. Não vou ferir quem quer que seja. Nem para torcer o pescoço de uma galinha tenho disposição — ajuntou sorrindo.

— Então não pode ser cozinheiro — comentou Cat, a piadista.

Paulino continuava preocupado. Propôs:

— Enquanto Raimundo se encarrega da vigia, vamos descer e conversar, também com o seu Hildebrando. Precisamos, o mais depressa

possível, de um bom plano de fuga. Tenho a certeza de que encontraremos.

Rute ficou falando com o pai e os demais dirigiram-se à cozinha. A inquietação do parceiro mais velho comunicara-se aos outros, embora Cat exibisse falsa valentia.

— Precisamos dar o fora. Nada temos contra Rino e nem ele contra nós — declarou Júlio.

— Falou, bicho — zombou Paulino. — Mas quem se arrisca a encontrar-se com o bandidão e sua gente, para explicar? Eu não.

Considerando agressiva a resposta dada ao irmão, Cat disse, em tom de desafio:

— Sempre fez questão de bancar o chefe. Chegou a hora. É sua responsabilidade tirar-nos daqui.

— Outra vez, Cat? — repreendeu Júlio. — Deixe de bobagem. A situação é séria.

Paulino nem ouvira, perseguido pela inquietação.

— Daqui a pouco escurece. Nossos pais começarão a ficar preocupados.

A lembrança ameaçou o controle emocional de Cat. Não conteve um soluço.

Paulino falou, com rispidez:

— Choro não resolve. Vamos pensar com tranquilidade, numa boa.

Da conversa, nada resultou de útil. Voltando à sala, Paulino disse ao velho:

— Rino quer a maleta.

Hildebrando exaltou-se:

— Se fosse apenas isso, não haveria problema. Deseja muito mais. É perverso, e o resto do bando, pior.

A expressão atormentada do velho desanimou qualquer tipo de insistência. Ele esclareceu:

— Enquanto nos recusarmos a atender, Rino e sua gente ficarão na expectativa. Depois, nada os conterà. Lembrem-se: nunca arriscaria a vida de minha única filha para conservar o tesouro dos piratas.

O desagradável silêncio que se seguiu foi interrompido pelo convite de Rute para examinarem a propriedade, em busca de ideia para a fuga.

Paulino preferiu continuar falando com Hildebrando, enquanto Júlio e Cat, acompanhada de Rosnã, preso a uma corda, seguiam Rute.

Ao transporem a porta, surgiram, roncando, os filas.

— Essa não — reclamou Cat. — Seus monstros já começaram a assanhar-se contra ele — e indicou Rosnã.

Acrescentou:

— Não que ele tenha medo, mas...

— É só aguentar firme a cordinha, evitando que o seu vira-...

— O quê? — interrompeu Cat, começando a ofender-se.

— .. digo, o seu raça pura se meta com os meus cãezinhos —

emendou Rute, maliciosamente.

— Não precisa exagerar.

Encerrando o incidente, Rute explicava aos companheiros:

— Impossível fugir pela frente e pelos lados. Se abrirmos qualquer das portas, os bandidos invadirão facilmente. Caso pulássemos a muralha, seríamos logo apanhados.

— E pelos fundos? — indagou Júlio.

— Vamos até lá.

Chegaram à frente do barracão, que tomava toda a largura do terreno.

— A parede dos fundos foi construída sobre rochedo, à beira de um precipício de aproximadamente sessenta e cinco metros de profundidade. Foi o meio de André tornar praticamente impossível o acesso à propriedade, por lá. Ninguém entra, mas também é muito difícil sair — disse a moça.

Deteve-se, pensativa, balançando a cabeça:

— Talvez. . .

Interrompeu a frase, deixando Júlio intrigado. O rapaz propôs:

— Seria melhor examinarmos o interior do barracão.

— Não tenho a chave — replicou ela, após breve hesitação. — Está com o pai.

A curiosidade de Júlio fora estimulada.

10

A trégua

Rute 'passou à sala, enquanto Júlio e Cat conversavam com Paulino, na cozinha.

— As muralhas são reforçadas e altas. Os cacos de vidro, no alto, tornam difícil e arriscado tentar pular por cima. Arrombar os portões exigiria tempo ou explosivo. Além disso, a metralhadora de Raimundo dificulta a aproximação dos bandidos. Ele está sempre atento.

— Durante o dia é fácil vigiar, mas à noite.. .

— Sem problema — interrompeu Cat. — O seu Hildebrando disse que há holofotes bem distribuídos, ao longo do muro, na frente e dos lados. Os refletores podem ser controlados da sala.

Paulino impacientou-se:

— Falam como se pretendêssemos ficar na defensiva, aqui dentro. Não é isso. Quero saber de fuga, como vamos nos mandar deste alçapão. Lutar é loucura. Não somos de ferir ou de matar. Só de pensar nisso começo a apavorar-me. Temos de evitar o ataque, apelando para a conversa ou encontrando um meio de escapar.

— Bem. .. — começou a dizer Júlio.

O som estridente da campainha do portão da frente fez-se ouvir.

Paulino e companheiros precipitaram-se para a sala.

Hildebrando, nervoso, ordenava:

— Atenda, Rute. Diga a esses canalhas e traidores para irem embora.

Paulino opôs-se:

— Por favor, deixe comigo. Precisamos de tempo. Vamos fazer... um pouco de teatro.

Chegou até a porta da casa e gritou:

— Ei, Júlio, por que não atende o portão?

Cobriu a boca, com o lenço esticado, e “replicou”, alterando a voz:

— Estou ocupado, combinando com Salomão e Mariz como usar as metralhadoras e as granadas, em caso de ataque.

Livrou-se do lenço:

— Mova-se, Cat. Veja quem está aí fora.

Com um gesto, mandou a menina cumprir a ordem.

Vencendo o medo, ela aproximou-se do portão.

— Que deseja?

A voz untuosa de Rino fez-se ouvir:

— Falar com Hildebrando. Diga que o amigo Rino precisa acertar umas tantas coisas, em benefício mútuo.

— Um momento, por favor.

Enquanto isso, Paulino explicava a Rute como deveria proceder. Procurava também anular o seu terror, o que conseguiu, em parte. A moça substituiu Cat, junto ao portão. Disse nervosamente:

— Aqui é Rute. Você me conhece, Rino.



— *Abra logo o portão, senão . . .* — *ameaçou Rino.*

— Claro, doçura. Sempre agiu como boa amiga. Abra o portão.

A jovem criara coragem:

— Não dá, companheiro. O pai está passando mal. Sei, mais ou

menos, o que deseja discutir. Deixaremos para amanhã. Ele terá condições de conversar.

— Abra logo o portão, senão...

— Não seja insistente, chefe. Acaba estragando tudo. O pai está bem impressionado com você. E eu também. Há tempos que achamos André muito velho para continuar na chefia.

— Mas. . .

— Que são vinte e quatro horas? Ontem ele passava bem. Esperamos que aparecesse. Mostrava-se entusiasmado com a nova chefia. Tem planos...

A ira de Rino aumentava:

— Deixe de conversa. Não tenho tempo a perder. Abra logo ou arrebento essa droga.

A iminência do perigo fortalecera a determinação da moça.

— Lamento, chefe. Vai praticar inútil e perigosa violência. Se quer pressionar, ao invés de combinar, a escolha é sua, mas fique certo de que todos sofreremos.

Arlindo, a segunda figura do novo bando, conseguiu evitar a explosão indignada. Arrastou o chefe para longe do portão e sugeriu, com muita cautela, para não ferir a vaidade de quem se julgava o líder infalível:

— Eu concordaria. Se começarmos uma guerra, estaremos chamando a Polícia para participar, na hora em que cantarem as metralhadoras e explodirem as granadas. E não será uma vitória rápida. Hildebrando tem mais companheiros do que supúnhamos. Armamento e munição não lhe faltam. Se preferir arriscar. . .

A hesitação de Rino encorajou Arlindo:

— Concorde com a atrevida. Amanhã, irá à forra.

O chefe rendeu-se. Voltou para junto do portão.

— Está bem, Rute. Transferimos para amanhã. Tive de convencer alguns cabeçudos, que preferem resolver na marra. Mas tudo OK. Seguro as pontas, até dez horas.

— Você é um grande chefe e amigo. Não me esquecerei de que ajudou a poupar a saúde do velho.

— Menina, acho que nós dois, a dupla RR, fará grandes coisas.

A despedida foi calorosa, mas Rino murmurava para Arlindo, com ferocidade:

— Hoje é o dia dela; está rindo. Amanhã vai chorar. E de nada adiantará.

Rute caminhou, tremendo, para Paulino:

— Não me perdoará. Sinto, já, todo o peso da sua ira.

11

Cat, a pacifista

Paulino notara o decréscimo da energia e do entusiasmo de Cat. As emoções daquele dia haviam deixado a sua marca. Ressentia-se da ausência

e do carinho dos pais. A consciência do perigo começava a afligi-la.

Pensou, preocupado: “Afinal, é apenas uma menina; nem treze anos completou.”

Precisava confiar-lhe tarefa que superasse o pessimismo inquietante e lhe restituísse a confiança num final feliz.

Chamou-a e também Júlio. Subiram ao miradouro.

— Como reage o inimigo? — perguntou a Raimundo.

— Tudo em paz. Acredito que Rino aborreceu-se, mas teve de engolir o adiamento. Parece conformado. Entrou na limusine. Deve passar a noite lá.

Acrescentou, com desanimada tristeza:

— Nada sobre o tio e o motorista. Estou perdendo a esperança de...

Paulino interrompeu-o. As suposições pessimistas sobre André e o motorista, de que o jovem partilhava, agravariam a inquietação e o pessimismo da menina.

— Tratemos do que interessa. Precisamos arrancar-nos desta armadilha, o mais depressa possível. Dá para imaginar o estado de nervos dos nossos pais?

— Já passa de seis horas — disse Cat. — Os meus devem estar umas feras. Nunca fiquei tanto tempo longe de casa, sem eles saberem onde.

— Talvez pensem em afogamento — sugeriu Júlio.

Paulino reagiu:

— Nada de desanimar. Aposto que tem alguma ideia, companheiro. Sempre foi bom de cuca.

O companheiro sorriu, ao ouvir o elogio.

— Bem, tenho duas propostas. A primeira é prepararmos uma grande fogueira, no pátio da frente. Seria para valer e com bastante pano úmido ou qualquer outro material que produzisse a maior fumaça. Pensariam em incêndio na floresta. As autoridades se movimentariam. Quando estiverem próximas, ouvirão rajadas de metralhadora, que Raimundo, com ou sem motivo, deverá disparar. Elas completarão o SOS.

— Boa, companheiro. Fogueira é a minha especialidade. Deixe comigo.

Sorriu e disse:

— Sabia que escondia um ás na manga.

— Pode ser só um três de paus.

— Bem, qual é a outra ideia?

— Visitar o barracão dos fundos. Estou com palpite de que teremos boa surpresa.

— É pra já. Vamos verificar.

Raimundo interveio:

— Gostaria de ir, também. Cat tomaria meu lugar, por minutos.

Olhou-o espantada.

— Eu?! Negativo. Não sei o que fazer com isso — indicou a

metralhadora — e nem quero aprender. Pode explodir na minha cara. E mais: esse negócio de ferir e de matar não é para mim.

Levantou a cabeça e afirmou, com pose:

— Sou pacifista.

Paulino sorria, mas Raimundo não desistiu:

— Eu também! A violência nada resolve.

— Chame Rute. Será a substituta à altura — lembrou Cat.

Júlio se opôs:

— Não dá. Precisamos dela no barracão. Sabe o que lá existe e conhece bem a casa e os arredores. Será muito útil.

— Ora, Cat, se estiver com medo, ninguém insistirá — disse Paulino.

— Já disse que não tenho medo de nada e de ninguém.

— Então tome a função de Raimundo. Será por pouco tempo.

Ela abaixou a cabeça, lutando intimamente com o terror que não confessava. Decidiu-se. Com um gesto sem entusiasmo, concordou:

— Aguentarei uns quinze minutos. Se Raimundo não voltar, largo tudo e seja o que Deus quiser. E mais: não pego nessa “coisa” — mostrou a arma. — Se alguém puser a cabeça na muralha, solto a boca no mundo. Tratem de vir correndo, porque estarei me mandando. Para onde, não sei.

Raimundo deu algumas descargas da metralhadora, sem visar o inimigo.

— Aviso de que continuamos vigilantes — explicou.

Ouviram o protesto, gritado por Rino:

— Parem com isso! Não estamos tentando nada.

Só na torre, Cat abandonou a atitude de audácia e de desafio, que ostentava quando em presença dos demais.

Estava amedrontada. Dominou-a o desejo de estar em casa, na companhia dos pais, de ouvir a voz de dona Anete, mesmo para ser repreendida. Soaria confortadora e tranquila; teria calor e transmitiria segurança.

Curvou a cabeça e chorou, docemente.

12

O depósito de Ali Babá

Depois de entender-se com o pai, Rute voltou à frente do barracão. Abriu a porta e ligou a eletricidade. Luz intensa iluminou o vasto salão daquela construção sólida e superdefendida por grades e barras de ferro.

Os rapazes, que a acompanhavam, ficaram estupefatos. Achavam-se na fabulosa caverna de moderno Ali Babá.

Mercadorias variadas, muitas de alto preço, alinhavam-se nas grandes prateleiras e no solo, em quantidades surpreendentes.

Representavam parte do produto de seis anos de saques.

As mercadorias já vendidas eram poucas, em relação às acumuladas.

— Agora compreendo o interesse desesperado de Rino em apossar-se da sede — comentou Paulino.

— E da maleta, em que há dinheiro de vários países e joias — completou Rute.

Aquela enorme quantidade de bens e de valores, resultantes de crimes, muitos deles sangrentos, perturbou Paulino. Sua expressão traduzia inquietação e pesar.

— Este negócio, a cada instante, mais se complica — disse ele.

Rute, que o observava, ponderou:

— Acho que pensa na responsabilidade de meu pai e de Raimundo.

— Quanto a mim — esclareceu este — nada tenho a temer. Nunca pratiquei qualquer atividade criminosa.

— Sim, e quanto ao seu Hildebrando? Sua participação na quadrilha dificilmente poderá ser negada.

Rute suspirou.

— Não é problema seu. O pai terá de resolver ou suportar. Ele está a par disso.

Acrescentou, com triste sorriso:

— No momento, o importante é fugir, garantir a sobrevivência.

No prodigioso estoque, havia mercadorias inesperadas e, às vezes, estranhas.

Sobre bancos, alinhavam-se metros de tela, cordas, motor, nacele¹ de dirigível, leme, cabos, hélice e vários objetos não identificados por Júlio, que se atrasara para examiná-los.

— Que é isso? — indagou de Rute, que estava a seu lado.

— Um balão.

O menino riu.

Atendeu a chamado de Paulino, que subira numa das fortes prateleiras dos fundos e encontrava-se junto à janela para o exterior. A grade protetora era de correr, fechada a cadeado.

— Procure uma barra de ferro.

Minuto depois, Paulino, auxiliado por Raimundo, usava-a para arrebentar o cadeado.

Debruçou-se no peitoril da janela, que se abria para a escuridão da noite. Impossível ver alguma coisa.

Voltou-se para Rute, que estava no solo, ao lado de Júlio:

— Que temos do outro lado?

— Um abismo, de sessenta a sessenta e cinco metros de profundidade.

— Dá para descer?

— Não. Muito íngreme, praticamente a pino.

— Árvores e vegetação, na descida?

¹ Barquinha, cesto. Nota do revisor.

— Não. Há dois meses, André mandou cortar a vegetação, para tomar mais difícil a subida. Trabalho duro. Quase perdemos um homem.

— E embaixo?

— Está no limpo.

Júlio levou as mãos à cabeça.

— Santo Deus! E Cat? Deve estar tinindo de raiva.

Saiu, correndo, em direção à torre.

Encontrou a mana surpreendentemente acomodada. Narrou o que ocorria. Concluiu:

— É importante Raimundo e eu estarmos lá, para acertar a maneira de descer e quem deve encarregar-se.

— Prefiro que seja ele — observou a menina, preocupada. — Pode ir. Aguento esta chateação por mais algum tempo. Acho que esses bandidos são de nada.

Nisso a garota enganava-se.

13

A primeira tentativa

Paulino e Raimundo juntaram-se a Rute e a Júlio, que regressara da torre.

— Não é difícil descobrir o que estão tramando — disse a moça.

Paulino riu e perguntou:

— Lá embaixo, há alguma picada para a estrada que vai a Estrela da Serra?

— Sem dúvida. Não é preciso andar muito, embora se tenha de subir. Chegando ao asfalto, serão mais oito quilômetros, até a cidade.

— Então vamos arranjar cordas e descer, quanto antes.

— Todos?

— Se der para um, por que os demais ficariam aqui?

Em poucos minutos, Júlio voltava da busca no depósito, com um rolo de cordas e uma trena.

— Foi o que achei.

— A corda é parte do material do balão — informou Rute. — Havia rolos para fins diversos, mas foram usados quando se procedeu à limpeza da encosta.

Júlio providenciava a medição da corda.

— Quarenta e quatro metros — anunciou, decepcionado.

— Haverá cabo elétrico? — indagou Paulino.

— Nenhum que servisse. Vi apenas rolos de pouca metragem e de grossura reduzida; não aguentariam o peso de quarenta quilos.

— E se usássemos lençóis? Temos também uma rede de repouso.

— A segurança não seria a mesma — comentou Paulino.

Raimundo propôs:

— Vamos fazer as emendas e me incumba de descer; apenas eu. Sou magro, peso pouco e não sofro de vertigem de altura. Corro até Estrela da Serra e trago socorro.

Diante do silêncio dos demais, acrescentou:

— Não podemos ficar à espera do ataque, ao amanhecer. Seria suicídio.

Rute chegou-se ao rapaz:

— Tenho medo por você, Raimundo. Não quero que lhe aconteça nada de mau.

Paulino decidiu, após curta hesitação:

— Vá com Júlio buscar o material, Rute. Decidiremos depois quem desce.

Pouco depois, voltavam com a rede, lençóis e cobertores.

Paulino examinou-os, mostrando-se insatisfeito.

— A rede aguenta, mas o resto parece bem precário; sofreu com a umidade, com o mofo.

— É verdade. Avisei papai, há um mês. Toda a roupa de cama, de mesa e de banheiro deve ser substituída, mas suponho que os cobertores ainda possam servir.

Embora persistisse a dúvida de Paulino, este e Raimundo incumbiram-se de fazer as emendas.

— Não haverá perigo — disse confiantemente o jovem. — Peso apenas cinquenta e seis quilos.

Paulino coçou a cabeça e disse:

— Por que será você a arriscar-se e não eu?

— Teria menos chance, por causa de seu peso. Uma sobrecarga de quinze quilos faz diferença.

Riu e acrescentou:

— O pessoal aceita você como chefe. Será, aqui, mais útil do que eu.

O trabalho terminara. Paulino fez o inventário:

— Temos quarenta e quatro metros de corda resistente e dezenove de improvisação, com a rede e os cobertores. Quando terminar a corda boa, comece a rezar, Raimundo.

Rute mal continha o nervosismo.

— Cuidado, muito cuidado, Raimundo. Sabe que gosto muito de você?

— Sim — respondeu ele emocionado. — Logo estaremos novamente juntos.

— Boa sorte, companheiro — gritou Júlio, também comovido, quando Raimundo desaparecia no negror da noite.

Atento e preocupado, Paulino seguia a descida, sentindo, na mão, as vibrações da corda. Quinze minutos depois, esta afrouxava. Puxou-a. Subiu, sem dificuldade. Nervoso e assustado, verificou que o cobertor se esgarçara

e rompera. O pano, atacado pelo bolor, não resistira ao peso de Raimundo.



— Cuidado, muito cuidado, Raimundo. Sabe que gosto muito de você? — disse Rute, que mal continha o nervosismo.

Debruçou-se no peitoril da janela, procurando, inutilmente, atravessar com o olhar a impenetrável escuridão.

Gritou pelo companheiro. Não obteve resposta.

Juntou-se aos outros. A tristeza era geral. Rute chorava.

Paulino reagiu:

— Não há motivo para tanta lamentação. Aposto que Raimundo saiu-se muito bem. Quando a corda arrebentou, soube deslizar pela encosta. A esta hora, está a caminho de Estrela.

Continuou:

— Acredito que ele virá com o socorro, mas não vamos ficar de mãos abanando, à espera; temos de procurar outra solução.

Júlio propôs:

— Seria bom conversar com o seu Hildebrando. Talvez surja alguma ideia.

Os soluços de Rute continuavam.

— Precisamos chegar até Raimundo. Talvez precise de ajuda.

— De que maneira? A corda é curta e ficou provado que os cobertores não oferecem resistência. Temos de acreditar que o nosso companheiro está correndo para Estrela.

— É a lógica — apoiou Júlio, embora sem convicção.

Paulino insistiu:

— Vamos, não podemos perder tempo.

Como o primo não se movesse, interpelou-o, com impaciência:

— Por que não se move?

— Tenho um plano.

— Pois que venha. Diga logo como escaparemos desta armadilha.

— Fugiremos de balão — disse o jovem, calma e pausadamente.

Os demais olharam-no espantados. O companheiro perdera, certamente, o juízo.

14

A queda de Raimundo

Vejamos o que ocorrera com Raimundo.

Angustiado, ele ouvira o ruído característico do esgarçamento do pano. O cobertor atado à rede ameaçava romper-se.

Aflito, apalpou a encosta limosa, à procura de algo a que se agarrar. Tocou numa raiz, que, logo depois, era o único ponto de apoio para as suas mãos. O cobertor rasgara-se.

Tomou fôlego, acalmou-se e calculou. Ainda teria de descer catorze metros. Cautelosamente, procurou firmar os pés em algum buraco ou arbusto. Conseguiu.

Sustentando-se apenas com a mão esquerda, começou a apalpar a encosta com a mão direita, num ponto mais baixo, até achar outro sustentáculo, que lhe pareceu confiável.

Suando de cansaço e de nervosismo, sujo de terra e de limo, repetiu a manobra, com êxito, por seis vezes. A descida era lenta e penosa. Estava a

oito metros do solo.

Na sétima tentativa, o arbusto de apoio do pé não resistiu e o moço escorregou. A raiz a que estava agarrado soltou-se, não suportando o peso. O rapaz caiu no fundo do vale, resvalando pela encosta.

Ficou, por instantes, sem força para mover-se. Experimentava dor intensa na perna esquerda.

Trouxera pequena lanterna a pilha, presa ao cinto. O foco de luz revelou o largo ferimento da perna, parcialmente à vista, porque a calça rasgara-se. Sangrava.

Sentou-se e usou um pedaço da camisa para amarrar a parte ferida. “Se esta sujeira toda não facilitar uma grande infecção...”, pensou desanimadamente.

Gostaria de prolongar aquela imobilidade que lhe restituía as forças e reduzia a dor causada pelo ferimento. A lembrança de Rute e dos outros companheiros deu-lhe ânimo para tentar levantar-se. Gemendo, a duras penas conseguiu. A lanterna ajudou-o a encontrar a trilha que subiria até a rodovia.

Com o auxílio de um pedaço de pau que encontrou e lhe serviu de bengala, arrastou-se pelo caminho. Progrediu com dificuldade, torturado pela dor, que aumentava. Em certos trechos de subida mais acentuada, teve de usar as mãos e os joelhos.

Depois de trezentos metros, em que mais se arrastara do que caminhara, precisou deter-se. Estava exausto. A pausa foi de pouca duração. Cerrando os dentes, retomou a marcha com decisão. Precisava chegar, depressa, a Estrela da Serra.

Amanhecia quando atingiu a rodovia. Caiu pesadamente, à beira da estrada. Conseguiu, ainda, arrastar-se por um metro, ficando estirado na via, em lugar bem visível.

Percebeu a aproximação de um carro. Bradou desesperadamente por socorro.

Depois de angustiada expectativa, viu-o deter-se, a poucos metros. Febril, gritou novamente.

Logo tinha, ao seu lado, dois desconhecidos.

Afetado pela febre e pelo desespero, as palavras saíram algo desconexas:

— Pelo amor de Deus! Meus amigos! Estão ameaçados por assassinos. É preciso levar socorro. O delegado de Estrela da Serra sabe do que se trata.

Um dos que o socorriam animou-o:

— Não se preocupe. Em quinze minutos levaremos você à Delegacia.

O esforço fora excessivo. Raimundo desmaiou, quando era transportado para o carro.

15

A Polícia entra em cena

Ao entardecer, Jesuína recebeu o telefonema de Jacó Parreira, tio de Paulino, lamentando não se encontrar em Areia Branca, para receber o

sobrinho e primos.

— Chegaram bem? — indagou.

— Ainda não apareceram — respondeu a mãe do rapaz, começando a preocupar-se.

— Curioso — comentou Jacó. Saíram de volta, pelas nove horas. Provavelmente encompridaram o passeio.

Quando Tomás, pai de Paulino, regressou do serviço, encontrou a esposa francamente alarmada. Já telefonara à mãe de Cat e de Júlio, sem qualquer resultado, exceto conseguir companhia para o desassossego.

Tomás procurava dar a impressão de tranquilidade, mas não conseguiu sequer jantar. Levantou-se e comunicou a Jesuína:

— Vou à casa de Aníbal Viegas. Talvez tenha notícia.

Jesuína abandonou o jornal, que não conseguia ler.

— Num minuto saio com você. Estou ficando maluca.

A casa de Aníbal localizava-se a pouco mais de quinhentos metros. Encontraram-no à porta. Mesmo antes dos cumprimentos, Aníbal indagou:

— E então?

— Nada, por enquanto — replicou Tomás —, mas não vemos motivo de susto. Os três conhecem bem a região e são responsáveis.

Aníbal assentiu com a cabeça e disse:

— Anete está assustada. — E, dirigindo-se a Jesuína: — Uma boa conversa ajudará.

Ela entrou na casa.

Os dois caminharam até o portão do pequeno jardim.

— Alguma ideia? — perguntou Aníbal.

— Nenhuma. Aguardemos até amanhã. Se não aparecerem, saímos para uma busca. Agora, no escuro, de nada adiantaria.

Após breve silêncio, Viegas falou:

— Talvez me julgue alarmista, mas discutia com Anete a conveniência de pedir auxílio às autoridades.

— Também pensei nisso. Segurei-me, por causa de Paulino. Ficaria envergonhado se apelássemos para a Polícia sem motivo bastante forte; mas, agora, bolas para seus luxos! Todos os meios são justificáveis para sabermos, quanto antes, o que acontece.

— Então concorda?

— Sim.

— É pra já.

Entrou na casa e foi direto ao telefone.

A voz sempre cansada e algo sonolenta do escrevente Antunes fez-se ouvir:

— Dr. Diogo está de saída. Verei se pode atender.

Aníbal narrou o caso ao delegado e surpreendeu-se com o grau do seu interesse.

— Devia entrar em contato mais cedo.

— Demos um tempo, acreditando que chegariam logo.

Dr. Diogo avisou:

— Quero o senhor amanhã, às oito, na Delegacia. Se os jovens continuarem desaparecidos, organizarei um grupo de busca, com a sua participação.

Aníbal, embora agradecido, estava surpreso. A maneira de falar do delegado sugeria um grau de interesse que a simplicidade do caso não justificava.

Dirigiu-se a Tomás. Repetiu o que ouvira e comentou:

— O Dr. Diogo deve ter algum problema, que relacionou com a demora dos garotos. Mostrou interesse e preocupação inesperados.

— Ótimo! Poderemos contar com um trabalho mais dedicado da Polícia — disse Tomás. E acrescentou: — A dificuldade será controlar a aflição das nossas esposas até amanhã.

Chamou Jesuína:

— Vamos. Aníbal e Anete precisam dormir.

A mãe de Cat e de Júlio teve ânimo para gracejar:

— A suposição é sua, Tomás. Com Jesuína, estou pronta para conversar mais duas horas, sem parar.

Para os dois casais, foi uma noite de vigília. Às sete e meia do dia seguinte, Aníbal e Tomás entraram na Delegacia.

— Há novidade — declarou, com afobação, o escrevente Antunes. — Trouxeram um rapaz. Estava desmaiado, no meio da estrada. Quando recuperou os sentidos, referiu-se aos garotos. Dr. Diogo está com ele, para obter mais informações. Virá logo.

O delegado entrou na sala. Eram oito e meia.

— Seus filhos passavam bem, até ontem à noite. Não há motivo para a situação ter-se modificado, mas se acham praticamente prisioneiros dos malditos piratas.

Resumiu o que ouvira de Raimundo, concluindo:

— Suspeitei do envolvimento daqueles malfeitores, desde que os senhores falaram comigo, ontem. Os bandidos andam nesta zona; já descobrimos a identidade de pelo menos um dos chefões.

Tomás e Aníbal não continham a impaciência. Aquele disse, nervosamente:

— Já sabemos onde se encontram os garotos. É tempo de levar-lhes socorro, doutor.

— Calma. Não devemos ir sozinhos. Seria arriscado para os prisioneiros e para nós. Trata-se de bandidos calejados. Já providenciei uma boa patrulha, bem armada, que nos acompanhará.

Dirigiu-se ao escrivão:

— Como vão as providências contra André Assad?

— A ordem de prisão está pronta para receber a sua assinatura.

A réplica dura amedrontou Antunes:

— Quando voltarmos, terá de informar-me, por escrito, qual o motivo de tanta demora.

Antunes seria, algum tempo depois, demitido a bem do serviço público, em face de provas de seu envolvimento com o banditismo.

Quase nove horas, quando a patrulha iniciou a jornada. Seis praças bem armados e os dois denunciante, que procuravam apressar a marcha, dominados pela ansiedade, acompanhavam o delegado.

16

A loucura de Júlio e de Rute

Voltemos ao barracão, após a estranha proposta de fuga feita por Júlio. Paulino encarava, impacientemente, o companheiro.

— Ei, garoto, que negócio é esse de escapar de balão?

Júlio riu-se.

— Pergunte a Rute. Poderá explicar melhor.

A moça olhou para ambos intrigada, mas logo a fisionomia iluminou-se de esperança e de entusiasmo.

— É isso! Como não me lembrei!

Paulino olhou os dois, indeciso. Não sabia se reclamava explicações claras, ou se lamentava a suposta perturbação mental.

Sorrindo, Rute disse:

— Não estou louca, não. Meu pai confirmará que a solução para a fuga está nos ares.

Sem aguardar resposta, dirigiu-se à sala do prédio principal, seguida pelos rapazes.

Hildebrando melhorara animadoramente. Sentara-se no sofá. O rosto não traduzia esforço ou sofrimento.

— Que bom! — dizia Rute, curvando-se para beijá-lo. — O senhor está novo!

— Não exagere, mas realmente me sinto bem melhor. Já experimentei: posso até andar. Vagarosamente, é claro.

Rute sorriu, com certa malícia:

— Paulino duvida que a gente possa escapar, gozando as delícias de uma viagem pelos ares.

A incompreensão inicial transformou-se em otimismo:

— Mas claro que podemos! Dará certo.

Reprimindo a irritação, Paulino ponderou:

— Desculpe, seu Hildebrando, mas não seria melhor explicar-se? O tempo voa. Precisamos tentar alguma coisa.

— De pleno acordo. O fato é que temos um aeróstato.

— Aeróstato?

— Sim, um balão com capacidade suficiente para transportar todos para longe do alcance de Rino e seus bandidos.

Incrédulo, Paulino observou, com ironia:

- Então, adeus às preocupações. É hora de embarcarmos.
- Um momento. Temos antes de montar o aparelho.
- A história começou a complicar-se — disse o rapaz, rindo.
- Menos do que julga.

Hildebrando ajeitou-se mais comodamente no sofá e continuou:

— Numa noite, há cerca de ano e meio, a quadrilha assaltou um barco, vindo da Zona Franca de Manaus. O que arrecadaram de artigos importados! ...

Esboçou um sorriso e prosseguiu:

— Trouxeram, inclusive, quatro caixotes e outros tantos grandes bujões de gás. Ignoravam de que se tratava, mas o cuidado no acondicionamento indicava mercadoria valiosa.

— O pai fala inglês correntemente; foi professor e tradutor, antes de se meter... nesta embrulhada de pirataria — esclareceu, com certo orgulho, Rute. — Não teve dificuldade para compreender as instruções encontradas num dos caixotes.

Hildebrando retomou a palavra:

— Ali estavam todas as peças da máquina voadora. Destinavam-se a um clube esportivo especializado, na Capital.

Respirou profundamente e continuou:

— André não conseguiu vender a mercadoria. Os compradores de artigos roubados, isto é, os receptadores, não se animavam a adquirir mercadoria que poderia ser facilmente identificada como proveniente de assalto. Os outros esqueceram-se dela, num canto do depósito, mas eu vivia pensando na máquina voadora que poderia montar. Sonhava voar para longe, no espaço livre.

17

Aprendendo a montar o aeróstato

— E o senhor resolveu montar o aparelho — comentou Júlio.

— Sim. Assad designara-me para tomar conta desta casa e eu precisava encher longas horas de inatividade e de isolamento. Ele pouco aparecia e dera ordens severas para que fosse impedida a entrada dos demais companheiros. A grande quantidade de mercadorias armazenadas poderia despertar a cobiça de alguns menos dignos de confiança, o que realmente veio a suceder, como prova esta rebeldia do Rino.

Sorrindo, prosseguiu:

— A montagem era um desafio. Resolvi estudar a fundo o assunto, apesar das dificuldades que se apresentavam. Nunca me interessara, particularmente, por navegação aérea.

Após breve pausa:

— Consultei livros, revistas e jornais especializados, em bibliotecas públicas, de Estrela e de outras cidades. Obtive empréstimo de material de leitura de alguns conhecidos e estudei cuidadosamente o manual de instruções. Comecei, então, a tentar.

Rute interveio:

— Realizou a proeza mais depressa do que esperava. Quando cheguei, montara e desmontara o aeróstato duas vezes. Animou-me a repetir a operação, naturalmente sob a sua direção. Estou formada na matéria — acrescentou, zombeteiramente.

— O folheto de instruções explica a maneira de fazer o balão subir e de... comportar-se no ar? — indagou Júlio.

— De modo sumário, insuficiente, mas tive sorte. Conhecem Celso Félix?

— Nós e todo mundo, em Estrela — assegurou Paulino. — Foi piloto de carreira e aposentou-se há anos.

— Talvez não saibam que, desligado da aviação comercial, trabalhou para um antigo clube esportivo de aeronaves, de São Paulo.

Retomou a palavra, após breve pausa:

— Celso explicou, teoricamente, é claro, como funciona a engenhoca. Mostrei-lhe o folheto de instruções. A lição custou-me uma boa cervejada. Celso nunca suspeitou da existência de um balão, em Estrela.

Paulino indagou:

— O senhor chegou a subir?

— Não. Sozinho e nas minhas condições de saúde, seria arriscado. Quando Rute manifestou-se interessada, resolvemos realizar a experiência, juntos.

Sorriu.

— Vivia inteiramente dominado pela ideia de vagar pelos ares, entre as nuvens, conduzindo a nave ao sabor da fantasia.

— Puxa! Deve ser o máximo — comentou Júlio, deslumbrado.

Rute interveio:

— Há quinze dias que estamos preparados para a grande aventura.

— Por que adiaram? — indagou Paulino.

— Dois motivos — respondeu o velho. — O agravamento da minha saúde e as divergências, que se acentuavam, na... organização. Temia que, afastando-me, mesmo por pouco tempo, encorajasse os adversários de André a tomar a residência.

Calou-se. Estavam todos deslumbrados pela nova e aventureira possibilidade de fuga.

Hildebrando trouxe-os à realidade:

— Fim de papo. Devem começar o trabalho, já. Rute mostrará o material de que surgirá a fabulosa máquina voadora.

18

A substituição de Cat

Enquanto Rute e Júlio voltavam ao barracão, Paulino subiu à torre.

Rosnã, estendido ao lado da menina, alertou-a da chegada do rapaz.

— Bárbaro! Como é chato! Alguém precisa, de vez em quando, dar um

alô ao vigia, senão o cara pega no sono. Os bandidos estão mansos como cordeiros. Sabem, na certa, que a valente Cat mantém-se de olho vivo e dispõe de um canhão para afugentar o engraçadinho que se atrever a pôr a cabeça acima do muro.

Paulino riu, sacudindo a cabeça:

— Sempre a mesma.

— Felizmente. Acho que estou ótima e não pretendo mudar.

Ignorando a vaidosa pretensão, que sabia falsa, ele narrou a novidade. Foi recebida com entusiasmo.

— Um balão! Formidável! Aerós... Como é mesmo?

— Aeróstato.

— Um barato! Imagine eu contando na escola as minhas aventuras de astronauta.

— Aeronauta — corrigiu o rapaz.

— Tanto faz. Vai ser fantástico!

Ele sorriu:

— Se der certo.

— Claro que dá. Virou pessimista?

Antes que replicasse, a menina lembrou-se, indagando:

— Você não me disse nada, a respeito da tentativa de chegar ao fundo do vale. Júlio falou que alguém desceria.

Paulino tomou-se sério. Era um assunto em que procurava não pensar.

— Raimundo fez questão de tentar.

— E que aconteceu?

— Um cobertor, com que aumentamos a corda, rompeu-se.

— E ele?

— Deve ter deslizado pela encosta.

— Oh, meu Deus! — exclamou a menina, comovida. — Tomara que esteja bem.

— Claro que está.

Inquietando-se com a expressão angustiada de Cat, acrescentou:

— Nada de pensamento negativo. Ele se encontra bem e trabalha por nós, em Estrela, mas não podemos perder tempo. Às dez horas de amanhã, na melhor das hipóteses, termina o prazo concedido por Rino.

— Está bem. Que devo fazer?

— Confiar, firmemente, em que nos sairemos bem.

Continuou após breve pausa:

— Os bandidos são capazes de esquecer o prazo combinado e tentar a invasão. Você, como boa pacifista, não poderá usar a metralhadora. E nem eu ou Júlio. O seu Hildebrando tem de passar a noite aqui, fazendo o que se tornar necessário, enquanto Rute dirige a montagem.

— Por que não inverte? Rute aqui e o pai lá embaixo?

— Ele ainda tem dificuldade para movimentar-se. Estará melhor sentado comodamente, enquanto vigia.

— Não pretenderá manter a moça ao alcance dos seus olhos?

— Deixe de piada. Ela e Raimundo se gostam. E muito.

Cat encolheu os ombros. Paulino continuou:

— Quando o seu Hildebrando chegar, bata um papo com ele. Verifique se está em condições de se manter atento. Talvez ainda se ressinta dos maus momentos por que passou.

A garota ficou decepcionada. Queria participar do trabalho de montagem da máquina voadora.

Resmungou, mal-humorada:

— Está ligeiramente enganado: não sou médica, nem enfermeira e muito menos assistente social.

— Deixe de piada. Terá apenas de conversar, observando se ele está normal.

— Ainda acabo na cadeia, acusada de fingir de médica.

Paulino riu e disse:

— Se for presa, pode contar, toda semana, com o melhor chocolate que levarei para você. Mas vamos deixar de brincadeira. Preciso combinar umas coisas com o seu Hildebrando.

Desceu à sala e, sentando-se ao lado do velho, disse:

— Com o passar do tempo, os assaltantes ficarão impacientes. Vão querer resolver. Não podemos confiar na vigilância de Cat, que ainda é menina. Jamais usaria a metralhadora, por temperamento e... — sorriu — também por medo.

Hesitou e prosseguiu:

— Júlio e eu estamos em situação semelhante: nunca manejamos arma tão perigosa e não teríamos ânimo para ferir quem quer que fosse. Na hora, perderíamos a coragem.

— Sei onde quer chegar. Se me ajudar, chegarei à torre e me encarregarei. Rute sabe tudo sobre a montagem e o manejo do aeróstato. Não precisarão de mim.

Foi mínimo o auxílio prestado por Paulino ao velho, que pôde utilizar-se razoavelmente das pernas.

Quando ele se sentou na poltrona giratória de vigia, o moço avisou:

— O senhor terá a companhia de Cat, até convencer-se de que poderá suportar essa posição forçada.

— Sei que aguentarei, mas poderemos ter um bom papo, não é, garota?

— Claro que sim — concordou ela.

Paulino correu para baixo. O aeróstato e a fogueira no pátio, em frente à residência, precisavam estar prontos para utilização no menor prazo possível. Não confiava na promessa de Rino de aguardar até a manhã seguinte.

O balão é nosso

Cat sentou-se ao lado de Hildebrando.

— O senhor deve saber barbaridade sobre balões.

Vago sorriso chegou aos lábios do velho.

— Engana-se. Sei apenas o suficiente para ajudar vocês a fugirem.

— Dá a impressão de que não pretende seguir conosco.

— É assunto para discutir-se mais tarde.

Cat sorriu.

— Não podemos deixar o senhor com essa gente do Rino. Parece perigosa.

A simplicidade da menina comoveu Hildebrando.

— Não se impressione. Tudo se resolverá bem.

Convencida de que ele preferia outro assunto, Cat disse:

— Deve ser uma parada fabricar um aeróstato. Eh, palavra difícil!

— É trabalho para técnicos. Felizmente, a tarefa de Rute e dos rapazes consiste em reunir as várias partes da máquina. Difícil mesmo foi inventar o balão, isto é, o aeróstato. E sabe quem realizou a proeza? Um brasileiro.

— Não acredito!

— Pois foi. Chamava-se Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o Padre Voador.

Continuou:

— A experiência realizou-se em Lisboa, mas dois anos depois o Padre foi obrigado a fugir para a Espanha. Era acusado de feitiçaria, mas por motivo diverso.

— Quanta ignorância! — exclamou Cat, com pose.

Indagou em seguida:

— Por que o balão sobe?

— Aí o negócio complica. Teria de falar em Arquimedes, um sábio da Grécia Antiga e que foi, como vocês dizem, o “pai da matéria”.

Sorriu e continuou:

— Basicamente, a coisa funciona assim: suponha que tenha um balão, cheio de ar aquecido ou de gás. Se esse balão, com a barquinha ou nacele e tudo nela existente, pesar menos do que o volume de ar atmosférico...

Interrompeu para perguntar:

— Sabe que o ar atmosférico, o ar que respiramos, tem peso, não é?

— Claro. Já estudei isso — replicou ela com importância.

— Muito bem. Se o balão e tudo que contenha pesarem menos do que o ar que deveria estar no lugar ocupado pelo mesmo balão, este sobe. Compreendeu?

Cat coçou a cabeça, embaraçada.

— Mais ou menos. Com vagar, o senhor explica, tá?

Hildebrando estava motivado. Afirmou:

— Santos Dumont também foi entusiasta de balões!

— Pensei que se interessasse por aeroplanos.

— Antes construiu e pilotou alguns balões. Foi notável inventor e esportista. Ganhou o prêmio mais cobiçado pelos balonistas de todo o mundo, fazendo a sua nave contornar a Torre Eiffel, em Paris, na época uma façanha.

— Deve ser uma aventura maravilhosa estar lá em cima, mais perto do céu, suspenso no ar, atravessando as nuvens.

Seus olhos tomaram-se sonhadores.

— Não acha que todos nós deveríamos poder voar, como pássaros? Dar um salto e ficar flutuando no espaço?

Completo:

— Seríamos mais livres.

Rute apareceu com um prato de sanduíches.

— Adivinhou, companheira — disse Cat. — Estava para morrer de fome.

Enquanto comiam, Rute perguntou:

— Como foi a conversa?

— De alto nível — respondeu Cat, piscando para Hildebrando, que sorria.

Acrescentou, com admiração:

— O que seu pai sabe!

Voltou-se para o velho:

— Gostei muito da conversa. Poderíamos continuar num outro dia?

— Sem dúvida.

O sorriso triste desmentia o otimismo. Se escapasse com vida, teria de prestar contas de sua participação na terrível quadrilha. Dificilmente levariam em conta sua ausência nos roubos e agressões e nem os esforços que empreendia para desligar-se da temível associação de criminosos.

Não conteve um suspiro de desânimo.

20

Volta à Caverna de Ali Babá

A caminho do barracão, que Cat denominara “Caverna de Ali Babá”, Rute deteve-se, para cuidar dos cães fila. Sentindo a falta de atenção da dona, eles se mostravam rebeldes e nervosos.

O retardamento fez com que a moça e Júlio se encontrassem com Paulino, à porta do grande depósito.

O salão continuava amplamente iluminado.

Rute virou à esquerda, logo após a entrada, e parou.

— Eis a nossa máquina voadora.

Paulino não podia acreditar. Sobre bancos alinhavam-se, em aparente desordem, a tela do balão, a nacele, o motor, o leme, a hélice, cabos e vários objetos não-identificados pelo rapaz. Ao lado, os grandes bujões de gás.

Decepcionado, Paulino exclamou:

— É um quebra-cabeça que exigirá meses de paciência para adquirir forma.

Júlio riu.

— Esperava essa reação. Foi igual à minha, quando Rute mostrou-me, na primeira visita.

— E ambos não têm razão — disse ela. — A montagem é fácil e rápida. Sei por experiência. Três ou quatro horas de trabalho duro são suficientes.

Júlio olhou para o companheiro e encolheu os ombros.

— Vamos entrar nessa, camarada. Nada temos a perder.

Paulino fez gesto de concordância, enquanto Rute esclarecia:

— Preciso dos dois apenas para levar o material para o pátio e depois para ajustar o motor. Do resto, Júlio e eu nos encarregamos. Sobrará tempo para você — dirigia-se a Paulino — cuidar dos preparativos da fogueira, que será excelente trunfo a nosso favor.

— Perfeito — concordou Paulino —, mas o fogo será ateado na hora certa. Levantar as chamas agora pareceria provocação. Os bandidos romperiam o trato, atacando imediatamente.

— É isso. Toda demora nos favorece. Mas veja o que descobri — completou Júlio, que se afastara alguns metros.

Estava em frente a alguns caixotes iguais, um deles aberto.

— Ora essa! — surpreendeu-se Paulino. — Fogos de artifício! Aqui temos petardos. Devem estourar para valer. Olhe o tamanho.

Rótulos de outras caixas indicavam foguetes e fogos- -de-bengala.

Júlio ria. Dirigiu-se a Rute, que dava sinais de impaciência:

— Imaginou que bela festa de São João podemos fazer? Fogueira, fogos e até balão.

— Não é hora de brincadeira. Temos de começar a montagem.

Paulino descobrira, num canto, cunhetes de munição, barris de pólvora e latões de álcool e de querosene. Havia, também, granadas, armas brancas, rifles, metralhadoras e revólveres.

— Fantástico! — comentou o rapaz. — Dá para sustentar uma guerrilha bem legal. E tudo o que está armazenado serviria, também, para alimentar enorme fogueira.

— Está doido — protestou Júlio. — Quem teria coragem de reduzir a cinzas a fortuna reunida neste galpão?

— Poderia ser eu.

Preparando a montagem

Rute gritava:

— Vamos, rapazes. Não estão aqui para conversar. Temos de escolher o local onde será aparelhada a máquina.

Saíram para o pátio.

Paulino fez questão de determinar onde se faria a montagem. Depois de inflado, o balão distaria quatro metros da parede frontal do barracão e três dos fundos da residência, ficando afastado da entrada do depósito.

Rute determinou:

— Agora é trazer todo o material do aeróstato para cá e encostar à parede da residência, na mesma ordem em que se encontra no depósito.

Explicou:

— Assim, teremos tudo, na medida da necessidade. Poupa tempo.

Sorrindo, continuou:

— Devem estar com fome. Enquanto suam um bocado, irei à cozinha resolver o problema. Podem esperar grandes petiscos, isto é, sanduíches e refrigerantes — acrescentou, rindo.

A atenção de Júlio fora despertada:

— Somente agora notei aquele buraco no muro, junto ao chão.

— Foi aberto para o escoamento de chuvas prolongadas, que inundaram o pátio, mas não se preocupe. Ninguém entraria por ele.

— A menos que se tratasse de uma criança magra.

— E de que adiantaria?

O cauteloso Júlio sacudiu os ombros.

Ele e Paulino puseram mãos à obra. Embora cansativa, a tarefa não oferecia dificuldade. O transporte do motor e dos cilindros de gás, estes algo pesados, demandou a ajuda de carrinho apropriado. Havia dois, no depósito.

Rute voltou com o lanche, avisando:

— Já servi o pai e Cat. Estavam na maior conversa, mas logo ela virá para cá.

Acrescentou, rindo:

— Afirmou que, se não fiscalizar, vocês amolecem; são muito preguiçosos.

Terminavam o lanche, quando Cat apareceu.

Paulino falou:

— Depressa, companheiro. Está chegando o mandachuva. Pode nos pôr na rua.

— É o que mereciam, molengas, mas serei generosa. Deixarei que trabalhem dobrado.

— Paga o mínimo?

— Nada disso. O regime é de trabalho escravo, a troco de um pouco

de comida e muitos elogios.

O pipocar da metralhadora interrompeu a diversão.

— Esperem na cozinha. Protejam-se — gritou Paulino.

Correu para a torre. Os tiros haviam restituído a consciência do perigo. Não podia haver descuido. Deviam aprontar tudo para a fuga. A tentativa teria de ocorrer, o mais depressa possível.

O pensamento fixou-se em Raimundo. Que lhe acontecera? Onde se encontraria?

Seu persistente otimismo repelia qualquer pensamento negativo. Aguardava, a qualquer momento, a reaparição do novo companheiro, para ajudá-los.

22

Os bandidos atacam

Hildebrando ainda se divertia, quando viu Cat desaparecer na escada, depois de recomendar:

— Olho nesses malandros, seu Hildebrando. Se descobrirem que a grande atiradora Cat deixou o miradouro, podem criar coragem e aprontar.

Pouco depois, o velho notou algo anormal no meio da muralha, do lado esquerdo.

Com auxílio do binóculo, descobriu a nova estratégia. Os bandidos haviam atirado o grosso tapete da limusine sobre os cacos de vidro do muro. Um dos atacantes já estava montado e, aparentemente, incitava outros dois a imitá-lo. Em poucos minutos, escorregariam para o corredor, apoiados na corda que passava sobre o tapete.

Hildebrando ligou um refletor mais potente e dirigiu o foco para o local. Ao mesmo tempo, disparou repetidas rajadas de metralhadora, que alarmaram Paulino e companheiros e arrancaram lascas do muro, bem perto do assaltante mais ousado.

Amedrontado, este perdeu o equilíbrio e caiu, gritando de dor. O tapete se deslocara e os cacos, pontiagudos e cortantes, dilaceraram as vestes e feriram o intruso.

Outro saltou, precipitadamente, para fora, fraturando o pé. Somente o terceiro escapou, sem danos.

Pelo alto-falante portátil, o atirador avisou, com dureza:

— Os outros tiros serão para valer. Tenho boa pontaria e estou disposto a demonstrar ao primeiro que resolver quebrar o acordo com o chefe Rino. É bom esperar até amanhã, como foi acertado.

Rino não reconhecera a voz de Hildebrando. Gritou:

— Foi engano. Vou pegar os patifes que fizeram a burrada. Dei a palavra; será respeitada. Pode dizer a Hildebrando que até amanhã, às dez, tudo calmo.

Paulino chegava, agitado.

— Cuidado — recomendou o velho. — Pode vir bala.

Não houve tiroteio. Aparentemente, Rino controlara os companheiros mais violentos e audaciosos.

Hildebrando estava muito preocupado. Preferia que os tiros não houvessem causado, mesmo indiretamente, danos aos bandidos. Conhecia-os bem. Sabia que eram solidários e vingativos. A terrível sede de desforra explodiria a qualquer momento.

— Será que renovam o ataque? — indagou Paulino, apreensivo em face da expressão grave do velho.

— Se Rino ainda estiver no comando, não. Espera obter o que deseja amanhã. E sem luta. Tiroteio chama atenção. Torna-se perigoso. Se não abrirmos o portão na hora combinada, os bandidos virão com tudo.

— E se abrirmos?

— Não sobrará nenhum de nós para contar a história.

— Tentemos, então, fugir o mais depressa possível. A montagem e o enchimento do balão terminam em três horas.

— Negativo, a menos que seja impossível aguardar a luz do dia. Sem visibilidade e à mercê do vento, que aumenta perigosamente, perderíamos logo o rumo e nos arriscaríamos a bater em montanhas, árvores e cabos elétricos.

— Então, o jeito é aprontar tudo e esperar. O senhor dirá se devemos largar e quando. Confiamos na sua experiência.

Após breve silêncio, Paulino sugeriu:

— Rino poderia deixar-nos partir, se entregássemos a residência e a maleta. Que acha?

— Já me manifestei contra, mas se resolvêssemos fazer a proposta, fique certo de que ele aceitaria na hora.

— Pois então...

— Aconteceria o seguinte: abriríamos o portão, ele entraria, com mil promessas, e em seguida acabaria com todos.



Arrancando lascas do muro, os disparos de Hildebrando atemorizaram o intruso.

— Por quê? Não é louco!

— Por isso mesmo. Admite que ele deixe vivo quem possa identificar o novo e procurado chefe dos “lobos-dos-portos”?

Diante da expressão de incredulidade do rapaz, ajuntou:

— Daria tudo: a residência, a maleta e até a minha vida, se houvesse

um mínimo de segurança para os demais. Lembre-se de que minha filha única está aqui. Nunca arriscaria a sua vida para conservar aqueles bens, mas não creio em acordo com um patife como Rino.

— Convenceu-me. Vamos em frente. Encontraremos a maneira de escapar.

23

Preparando o espetáculo

O tempo parecia firme. Paulino recorreu à experiência de Hildebrando.

— Não me parece com jeito de chuva — disse o velho

— mas a aragem me preocupa; talvez se transforme em vento forte.

— Então, é tempo de começar a nossa fogueira. Amanhã, à hora que o senhor indicar, ela estará pronta para o grande espetáculo.

Dirigiu-se ao pátio dos fundos. Antes de chegar, ouviu a voz de Cat, que falava sem parar, pouco ajudando.

Ao lado, estirava-se Rosnã, sempre disposto a rosar o seu mau humor, que aumentara, em face da atitude pouco hospitaleira dos dois filhas. O vira-lata — com perdão de Cat — já sofrerá dois ataques. Salvava-se fugindo aterrorizado para junto da dona.

— Aproxima-se o folgado — saudou a garota. — Enquanto passeia, nós, boa gente do trabalho, damos duro.

Paulino indagou de Rute:

— Há esperança para a nossa máquina voadora?

— A montagem demora mais do que pensava, mas em pouco tempo tudo ficará pronto. Depois é só encher o balão com gás.

Comentou, tristemente:

— Perco a esperança, quanto a Raimundo.

— Nada de desânimo. Deve estar convencendo a gente de Estrela a vir libertar-nos. Tarefa difícil. O estrelense é desconfiado paca.

Rute não se convenceu, mas mudou de assunto.

— Quando será a decolagem?

— Segundo seu pai, devemos sair à luz do dia, e de preferência quando diminuir o vento. É mais seguro.

Quando ele se retirava, Cat indagou:

— Quer ajuda para não fazer nada?

— Para isso, não, mas se estiver disposta a juntar lenha para a fogueira de São João...

Sem esperar resposta, fez-lhe um gesto amistoso e dirigiu-se à copa. Não desejava prolongar a conversa. Receava que a esperta Cat descobrisse que perdera a fé na volta de Raimundo. Não chegaria o socorro de Estrela da Serra. Para escaparem, deveriam contar apenas com os recursos que encontrassem na casa-fortaleza.

A preocupação seria menor se estivesse em risco apenas a sua sorte,

mas não podia esquecer-se de Cat e de Júlio. Considerava-se responsável pela segurança dos primos. Precisava salvá-los.

A fuga em balão significava uma esperança, mas não permitia o desinteresse por qualquer outra possibilidade. Tudo deveria ser tentado.

A grande fogueira, proposta por Júlio, surgia como alternativa legítima. Parecia-lhe impossível que as chamas e a fumaça, nascidas na pequena colina e elevando-se bem alto, não chamassem atenção.

Lançou-se decididamente ao trabalho, acumulando tudo que pudesse inflamar-se no pátio da frente. Lenha, sacos de carvão, qualquer pedaço ou objeto de madeira, colchões, cortinas, tapetes eram amontoados com arte, para facilitar a propagação do fogo. Mechas de trapo, embebidas de álcool, facilitariam o início da grande queima.

Quando se esgotou o material combustível e transportável da residência, o rapaz, suado e cansado, foi procurá-lo no depósito. Transportou o que pôde, inclusive latões de álcool e de querosene.

No pátio, a montanha elevava-se a mais de dois metros e sua base teria cerca de nove metros quadrados. Paulino deu-se por satisfeito.

Na última viagem do depósito para a residência, carregou duas das caixas de fogos de artifício, deixando-as no início da escada para a torre. Subiu, para falar com Hildebrando.

Este tomou a iniciativa:

— Não podemos deixar Rino apossar-se da grande quantidade de armas e de explosivos. Seriam terríveis as consequências. A Polícia não teria recursos para fazer-lhe frente.

Continuou:

— Já pensei em tocar fogo em tudo, mas enquanto estivermos aqui será loucura. Ninguém se salvaria.

— E se ficar uma pessoa para acender o fogaréu?

— Teríamos um herói suicida. Nada o salvaria.

Paulino sorriu e acrescentou:

— Não se preocupe. Evitaremos que Rino ponha as mãos no material.

24

A loucura de Cat

O silêncio foi expulso pela gritaria dos companheiros, embaixo. Ouviram Rute gritar:

— Venha, Paulino. Depressa! Cat saiu da residência!

Hildebrando ligara o projetor de grande luminosidade e passou o jato de luz pela muralha. Bradou, agitado:

— Corra, Paulino! Abriram a porta lateral. Depressa! Tentarei manter os bandidos à distância.

O rapaz precipitou-se escada abaixo. Não ouvira perfeitamente o apelo de Rute. De passagem, pegou punhados de petardos do caixote que trouxera do barracão, guardando-os entre a camisa e o peito.

Avistou o portão semi-aberto. Júlio, ao lado, espiava com cautela.

— Feche! — gritou.

— Cat está lá fora!

Sentiu um frio no coração. Atirou-se alucinadamente para a frente.

Acontecera o seguinte: enquanto Rute supria de ração as vasilhas dos filas, eles escaparam e investiram contra Rosnã, acuando-o de encontro à muralha. Antes que Rute contivesse os agressores, o vira-lata forçou a passagem pelo buraco de escoamento de águas pluviais.

— Rosnã fugiu! — gritou a moça. — Os bandidos vão acabar com ele.

Sem refletir, a impetuosa Cat correu para o portão, abriu-o e saiu, chamando pelo cão.

Conseguiu segurá-lo, pela coleira, a quatro metros da entrada. Quando empreendeu o regresso, interpôs-se a figura ameaçadora de um dos assaltantes.

Estava oculto ao lado de uma pequena formação rochosa, a dois metros da muralha.

— Vamos conversar, garota — disse, zombeteiramente.

O pavor invadiu Cat; as pernas fraquejaram. Recuperou-se parcialmente e gritou, com voz trêmula:

— Saia da minha frente, senão...

— Senão o quê, boneca? Vou levar você para Rino. Se a sua gente... — Paulino! — gritou a menina, desesperada, quando o bandido deu um passo em sua direção.

Avistara o rapaz, que atravessara o portão e, surpreendentemente, tirava de sob a camisa qualquer coisa que ela não identificava. Eram as bombas de artifício, apanhadas momentos antes.

O criminoso voltou-se para ele, com um riso perverso.

— Mais um para visitar o chefe Rino ou ficar estendido no chão.

Sacara uma faca e ameaçava os dois jovens.

— Vou fazer você em pedaços — gritou Paulino nervosamente.

Outros bandidos, atraídos pelo ruído, tentavam aproximar-se. Rajadas de metralhadora mantinham-nos à distância, mas Hildebrando não se arriscava a visar o agressor de Paulino. Estava muito perto deste e de Cat, que poderiam ser atingidos.

Em desespero, Paulino começou a jogar bombas de parede na formação rochosa. O estrondo intimidou o assaltante, que supôs tratar-se de granadas. Atirou-se ao chão, atrás do maciço de pedra.

Paulino correu para Cat e arrastou-a pelo braço, enquanto estourava outros petardos.

— Venha! Depressa!

Apesar de apavorada, ela conseguiu mover-se, largando a coleira de Rosnã.

O animal criara coragem e, ladrando furiosamente, investiu contra o bandido, que fugiu para a escuridão do mato.

Os dois jovens, seguidos pelo cão, entraram na residência. Júlio trancou, imediatamente, o portão.

Tremendo, Cat não largava o braço de Paulino.



*Sem refletir, a impetuosa Cat correu para o portão,
abriu-o e saiu, chamando pelo cão.*

— Está tudo bem — dizia o rapaz com suavidade, acariciando a sua mão.

Ela começou a chorar. Júlio correu à cozinha e voltou com um copo

de água, que ela bebeu soluçando. Rute aproximara-se e abraçou-a ternamente.

— Tinha uma faca — falou Cat com voz entrecortada. — Poderia ferir Paulino.

— Nada de mau aconteceu — disse este. — Acalme-se, senão todo mundo vai dizer que a valente Cat teve medo.

Ela sorriu:

— E seria verdade. Se você não me acudisse...

Recuperava o ânimo e ressurgia a tendência para o gracejo. Largou o braço do rapaz e disse, com voz ainda insegura:

— Pensando bem, você é que parecia mal. Estava pálido de pavor.

Paulino riu.

— Como pôde ver meu rosto, no escuro?

A menina encolheu os ombros.

— Enxergo fácil e também posso imaginar, não é?

A voz dele tornou-se firme:

— Sabe que merecia umas palmadas?

— De você?!

— É trabalho para tia Anete. Espere até chegarmos à sua casa.

Cat fez uma careta de pouco caso.

Rute recuperou-se logo da emoção. Comandou:

— Acabou o recreio. Ei, Júlio, vamos terminar o trabalho.

Voltou-se para Paulino:

— Está atrapalhando. Dê o fora.

O rapaz conversava com Júlio. Replicou:

— Um momento, Rute. Júlio e eu vamos resolver um pequeno problema.

Sem aguardar a resposta, puxou o primo para o barracão. Voltaram, em seguida, com três folhas de zinco, tábuas, pregos e dois martelos.

— Qual a novidade? — indagou Rute.

— Vai logo ver.

Rapidamente os dois rapazes construíram uma nova separação no corredor lateral. Assim, para chegar ao balão, os invasores teriam de transpor dois obstáculos: o muro de alvenaria e o precário tapume.

Paulino disse a Rute:

— Mais algumas marteladas e pregamos a última folha de zinco. Teremos então o lugar certo para prender os filas, evitando que atrapalhem a montagem do aeróstato.

— Mas...

— Ficarão presos por pouco tempo. Vamos, companheira. Leve os seus amiguinhos para dentro do cercado e saia logo e sozinha. Verá que o trabalho de armar a nossa máquina voadora será muito mais fácil e rápido

se os bichos não estiverem por aqui, atrapalhando.

Rute obedeceu, de má vontade.

25

Pausa para descansar

Paulino ainda se ressentia da emoção que experimentara, quando vira Cat praticamente nas mãos do assaltante. Temera pela sorte da garota, não se recordando de que também ele estivera sob ameaça de morte.

A caminho da torre, parou na cozinha para tomar um copo de água. A garganta estava seca; esforçava-se para dominar o tremor das mãos. Sentou-se na poltrona. Poucos minutos depois, mais tranquilo, subiu a escada para o mira- douro.

— Foi valente e rápido em decidir — comentou Hilde- brando. — Qualquer hesitação tomaria impossível salvar a nossa amiga.

— Valente?! Nada disso. Agi por instinto. Se refletisse, nunca me arriscaria. Não imagina o medo que experimentei.

— Teve personalidade para reagir; foi bastante valente para superar o pavor. Gostei da maneira decidida com que usou as granadas.

— Granadas?!

Riu.

— Não eram granadas. Apenas petardos de São João.

— Como? Não entendi.

— Usei fogos de artifício que encontrei no depósito.

O velho olhou-o, abismado. Em seguida, Paulino ouviu, pela primeira vez, a gargalhada de Hildebrando.

— Essa ninguém supera! — disse, afinal.

— Não dispunha de arma. Por sorte, deixara umas caixas de fogos perto da escada. Pretendia jogá-los na fogueira.

— O assaltante jamais acreditará que fugiu da explosão de bombinhas juninas.

Riram.

Após curto silêncio, Paulino tratou do assunto que o levara à torre:

— Estou preocupado com a sua observação de que não podemos deixar Rino ficar com tantas armas e munição, além de explosivos.

— Muito fácil. Ficarei na residência e quando o balão estiver fora do alcance, faço explodir todo o depósito.

— Negativo. Não permitiremos que se sacrifique.

Paulino pensou um instante e propôs:

— Suponhamos que, ao fugir, deixemos o estopim da destruição.

— Você é cheio de surpresas; mas como conseguiria?

O plano pareceu inseguro ao velho, mas não houve tempo para discussão. Rute chegava, com a boa notícia. Disse, com pose irônica, ao pai:

— Tarefa concluída com brilho e glória. Aumentaremos o gás quando

o comandante fixar a hora da partida; vinte minutos depois estaremos no céu azul, para a grande aventura.

O velho sorriu.

— Parabéns, mas a engenheira ou mecânica parece cansada.

— Todos estamos caindo aos pedaços. Também, já passa de uma da manhã.

— Então, a ordem é dormir. Precisam recuperar as forças. Ao amanhecer, haverá muito trabalho e muita tensão. Ficarei vigiando.

— O senhor também deve descansar — disse Paulino.

— Fiquei, durante todo o dia, sentado ou deitado. Não tive de que me cansar.

Sorriu e acrescentou:

— Deve saber que velho dorme pouco. Às sete, ou antes, se houver necessidade, serão acordados.

Júlio deitou-se no sofá. Paulino preferiu ficar na poltrona, próximo do posto de observação. Ouviria, com maior facilidade, qualquer chamado de Hildebrando. As duas jovens encostaram-se na ampla cama de Rute.

Para Paulino, o sono custou a chegar, embora estivesse exausto. Decidira destruir o barracão e tudo que nele existisse, assim que o balão estivesse no alto e longe dos riscos do fogo e das explosões.

Se não houvesse garantia de sucesso para o plano que idealizara, ficaria na residência, para desencadear a destruição. Confiava na sua boa estrela. Encontraria meio de fugir do fogo, das explosões e dos bandidos.

26

Estratégia para a destruição

Com a impressão de que dormira demais, Paulino levantou-se, alarmado. Eram seis e quarenta.

Movimentando-se com cuidado para não despertar os companheiros, subiu à torre.

— Sem novidade — garantiu o velho.

Beberam café da garrafa térmica que Rute deixara com o pai, e Paulino tomou o caminho do barracão. Ao passar pelo pátio, admirou a grande esperança. O aeróstato estava pronto para receber o acréscimo de gás e transportar os fugitivos para longe da residência e dos bandidos.

Sua recomendação fora cumprida. Havia espaço livre entre o balão e a frente do depósito: quase cinco metros, por toda a largura do terreno.

Apanhou um barrilete de pólvora no depósito e o conduziu a pouca distância do lugar onde se encontrava a ampla mas leve nacele, construída de vime e reforçada por alumínio. Começou então a despejar o material combustível, de modo a formar um cordão que seguia até o muro da esquerda, voltava e continuava paralelamente, passando pela frente do depósito, e dobrava à esquerda, internando-se no corredor lateral, até o muro divisório; voltava junto à muralha da direita, penetrava no pátio e terminava em frente à porta do barracão.

Chegou ao início do rastilho de pólvora e ateou fogo, com os olhos

no relógio. Acompanhou a progressão da chama, ao longo do caprichoso percurso, até extinguir-se à porta do barracão. “Esticando um pouco mais o percurso, terei quase dois minutos de prazo”, pensou.

Correu à torre.

— Uma pergunta, seu Hildebrando: depois que o aeróstato largar, quanto tempo levará para atingir dez metros de altura?

— A resposta não é fácil. Depende de vários fatores, como o peso, a pressão atmosférica, o vento.

— Vou ser mais preciso: com todos a bordo do nosso balão, seriam suficientes dois minutos?

— Acredito que sim, mesmo porque o balonista poderia segurar o balão em terra até sentir que ele está, realmente, decidido a subir.

Sorriu e acrescentou:

— Não é difícil descobrir o motivo das perguntas. Seguro, mesmo, é eu ficar em terra e resolver o problema.

Paulino sacudiu a cabeça, negando, e desceu a escada para refazer o rastilho, que esticaria ao máximo.

27

Começa o ataque

Oito horas.

Rajadas de metralhadora interromperam a refeição matinal — café com leite e sanduíches — que Rute preparara para todos.

Correram ao alto da torre.

Hildebrando estava firme e atento.

— Encostaram uma escada na muralha e lançaram duas embarcações de borracha, unidas e infladas, no corredor lateral.

Continuou:

— Segundo parece, pretendiam saltar do alto da escada, sobre o muro cheio de cacos de vidro, sem tocar nele, caindo diretamente nas embarcações, que amorteceriam a queda.

— Estão loucos — observou Paulino. — O menor descuido ou falha de cálculo resultaria em cortes perigosos ou em fraturas.

— É isso que me preocupa. Rino está entrando no jogo dos mais exaltados. Poderá agir, mesmo que sejam poucas as possibilidades de êxito e grandes os riscos.

Continuou:

— Esta tentativa pôs fim à trégua. Começou a ofensiva.

— Pois que venham — desafiou a valente Cat. — Aqui estamos para enfrentar os malvados.

— Calma — recomendou Hildebrando. — Aceitar a luta seria loucura. Nada de heroísmos. Vamos apressar a fuga.

Rute chamou Júlio:

— Rápido, companheiro. Vamos estufar o nosso balão.

Desceram apressadamente.

— É a hora da fogueira — disse Paulino. — Dificultará a invasão e atrairá a atenção de inúmeras pessoas que morem ou que transitem nesta zona.

— Não se preocupe com a destruição das armas e explosivos armazenados. Assim que partirem, resolverei o assunto.

O rapaz deteve-se, no meio da escada.

— Não há tempo para discussão. Desculpe-me, mas irá no balão, mesmo que seja necessário arrastar o senhor.

— Ficando, resolveria o meu problema.

— Mas não o de Rute. Permaneceria com o senhor, sabendo que não teriam chance contra os bandidos.

Hildebrando, quase com raiva:

— Cumpra a sua parte! Não perca o seu tempo comigo.

— Irá, por bem ou por mal.

Descendo a escada, Paulino estava confuso e espantado. Como um jovem de dezessete anos tivera ânimo de falar daquele jeito com um ancião acostumado a tratar com bandidos da pior espécie?

Logo esqueceu o incidente, passando a trabalhar duramente.

Arrastou para o pátio da frente os dois barcos infláveis atirados pelos bandidos e os caixotes de fogos de artifício. Despejou latas de álcool e de gasolina na fogueira em perspectiva e preparou quatro mechas, com pedaços de cabo de vassoura e tecido grosso embebido em líquido inflamável.

Era a hora da grande fogueira. Acendeu três tochas e arremessou-as a pontos previamente escolhidos.

Chamas azuladas brotaram e logo se estenderam, como um lençol ardente.

Subiu a fumaça negra produzida pela queima da borracha e estalaram os petardos. Foguetes fugiam desesperados e povoavam o céu de pontos multicores. As chamas aumentavam e elevavam-se.

O espetáculo, fascinante e perigoso, paralisara Cat, que chegara à entrada da sala. Os olhos arregalados traduziam medo e encantamento.

Calor insuportável passava do pátio para a sala. Paulino puxou a menina para dentro e fechou a porta. Apesar dos estrondos da fogueira, ouvira, também, o alarido dos piratas, além da muralha: intensificara-se o ataque final.

Havia ainda uma providência a tomar.

Paulino correu ao pátio e revisou, mais uma vez, o cordão de pólvora. Estava intacto. Dirigiu-se ao depósito, apanhou outro barrilete e encompridou o rastilho, fazendo-o entrar até o lugar onde se encontravam os explosivos. Espalhou o resto da pólvora.

Na torre, Hildebrando mantinha os bandidos à distância, evitando, entretanto, expor-se: a fuzilaria contra a residência era intensa.

A partida

Com exceção de Hildebrando, que não abandonava o posto, os demais encontravam-se na sala.

Rute avisou, com certo orgulho:

— Tudo pronto. É só embarcar.

Paulino comandou:

— Cat, vá para o aeróstato e não saia de lá.

A graçola não poderia faltar, apesar da tensão:

— Yes, sir — disse a menina fazendo continência e retirando-se com Rosnã ao colo.

O jovem dirigiu-se ao primo:

— Há coletes salva-vidas no depósito. Leve cinco para bordo e não se esqueça de colocar a escada de corda, da maneira combinada. Cuidado para não interromper o rastilho de pólvora.

Chamou Rute e ambos subiram à torre.

Hildebrando disparava repetidas rajadas, embora não pudesse visar os assaltantes, por causa da fumaça negra e espessa, que também invadia o miradouro. Gritou:

— Vão embora! Cada minuto é precioso. Fugam!

Paulino segurou-o pelo braço e falou, com energia:

— Ou vem conosco ou sua filha fica, para morrer com o senhor. Ela me garantiu que não irá só. Um minuto para decidir.

Chorando, Rute abraçou o pai. Não conseguia falar.

Hildebrando, nervoso, resolveu. Fez sinal de assentimento. Rute desceu na frente e, logo depois, o velho, amparado por Paulino. Ao passarem pela sala, este viu a moça curvar-se e pegar a maleta de André Assad. Ela não esquecera o tesouro dos piratas.

O balão ocupava grande parte do pátio. Como teste, Rute permitira que se elevasse a dois metros do solo. Protegido do vento, que já soprava fortemente, pelas paredes da residência e do depósito e pelas muralhas laterais, a nave agitava-se docemente. Pareceu aos fugitivos enorme, bela e promissora.

— Ela nos conduzirá em segurança — murmurou Paulino.

Júlio e Cat, embarcados, aguardavam com ansiedade. Ajudaram, juntamente com Paulino, o embarque do velho, que se utilizou da precária escada de corda. Rute subiu, em seguida.

Segurando a ponta da escada de corda, Paulino gritou, para superar o barulho intenso causado pela fogueira e pelo alarido dos bandidos:

— Seu Hildebrando, a responsabilidade do comando é sua. Quando convencer-se de que o aeróstato tem bastante força para subir, além da altura do telhado da residência, em noventa segundos, avise-me, para cortar a última amarra.

Cat gritou, sobressaltada:

— E você, Paulino? Venha, pelo amor de Deus!

— Calma, garota. Mais alguns minutos e aí estarei.

Parecendo indiferente ao barulho, que aumentara, tornando-se ensurdecador, Hildebrando tomava as últimas providências para a ascensão. Aos estampidos dos tiros e dos petardos e à gritaria dos bandidos juntaram-se as pancadas repetidas da grossa e pesada trave, acionada furiosamente contra o portão principal.



Paulino iniciou o rastilho de pólvora...

Paulino acendeu a última tocha e aguardou. Estava a dois passos da

amarra e do início do rastilho de pólvora. Mantinha segura a ponta da escada de corda, sentindo o ímpeto da máquina, ansiosa para ganhar altura.



... em seguida, ateou a chama. Subiu para o aeróstato e esperou pela explosão.

Hildebrando gritou:

— Agora, Paulino!

O rapaz, ao mesmo tempo que desatava a corda, libertando a nave, chegava a tocha ao rastilho. A chama avançou, imediatamente, para a jornada que terminaria na explosão do depósito.

Aconteceu, nesse instante, a invasão, logo após um estrondo maior.

— O portão foi abaixo! — gritou Hildebrando. — Rápido, Paulino!

29

A invasão

Voltemos ao instante em que Hildebrando deixara a torre. Livres das rajadas da metralhadora, os bandidos organizaram-se para vibrar o golpe decisivo contra o portão principal.

Pesada viga, carregada por seis homens, foi empregada como aríete. As pancadas, violentas e repetidas, não tardaram a abalar o alvo. Poucos minutos depois, o forte portão, arrancado das dobradiças, ia abaixo fragorosamente. Caiu, em parte, na enorme fogueira, cujas labaredas subiam gloriosas, ardentes e ameaçadoras.

O calor intenso, as brasas que saltavam e o ruído não-identificado dos foguetes e petardos fizeram os bandidos recuar.

Irado, empurrando e esmurrando os companheiros mais próximos, Rino berrou:

— Para a frente, calhordas! Andem, patifes!

Deu o exemplo, seguindo à direita, bem junto à muralha, evitando pisar nas brasas que rolavam da parte mais alta da fogueira.

Sendo impossível atingir a porta principal, porque as chamas começavam a atingi-la, os invasores formaram fila indiana, continuando até o corredor lateral. Daí, avançaram rapidamente, detendo-se em face do muro que o dividia.

O ímpeto da avançada e a espessa e sufocante fumaça não permitiram que os assaltantes descobrissem a entrada da cozinha.

Aos variados ruídos somaram-se os latidos furiosos dos cães, que se encontravam confinados em reduzido espaço, entre o muro divisório e a improvisada cerca de folhas de zinco.

Os bandidos hesitaram, irritando novamente Rino.

— Ponham a porta abaixo! Com medo dos vira-latas? Vamos, rápido, covardes!

A porta não resistiu. Quando a passagem foi desimpedida, os cães arremessaram-se, com fúria, contra os assaltantes. Derrubaram os dois que estavam na frente nas logo foram abatidos. Rino despejou toda a carga de seus dois revólveres nos animais. Ao lado deles, ficou um dos bandidos, liquidado pelos cães ou pelas balas do chefe.

Rino correu para os fundos do terreno. Ao chegar ao pátio, estacou. O balão flutuava, a dez metros de altura. Estupefato, hesitou.

A demora foi providencial para os fugitivos. Ataque imediato poderia derrubar a nave.

Começa a fuga

Acompanhado pelos olhares aflitos dos companheiros, Paulino subiu nervosamente os degraus da escada de corda e entrou na nacele. Surpreendeu-se com a atitude de Cat, que encostou a cabeça em seu peito, soluçando de emoção.

Sorriu e bateu, suavemente, no rosto da menina. Voltou-se para Hildebrando, que se mantinha na direção com a segurança de velho navegador.

O aeróstato superara em alguns metros a altura do telhado da residência quando os assaltantes irromperam no pátio e presenciaram, assombrados e cheios de raiva, a fuga aérea.

Após rápida pausa, estalou a fuzilaria. Descarga de metralhadora atingiu o balão, mas este logo se encontraria fora do alcance dos atiradores, flutuando sobre a residência.

Nesse momento, Júlio gritou:

— Olhem!

Não houve tempo. A língua de fogo saía do corredor e penetrava implacavelmente no armazém.

A explosão ensurdecadora foi quase imediata e seguida de muitos estampidos, que abafaram gritos de terror dos bandidos. A deslocação do ar agitou fortemente o aeróstato, que resistiu com segurança. Chamas devoradoras envolviam o depósito e alastravam-se para a residência.

Os piratas, que escaparam do impacto e do incêndio, atropelavam-se desesperadamente, em busca do pátio da frente e da saída. Teriam de enfrentar o enorme braseiro a que se reduzira a fogueira ateadada por Paulino.

Subitamente, a nave tremeu e desviou-se do rumo, açoitada pela ventania.

— Cuidado! — gritou Júlio.

Paulino viu Hildebrando agarrado à borda da nacele e escorregando para o piso. Júlio já estava ao seu lado e o amparava.

— Foi baleado!

Acorreram Rute, para socorrer o pai, e Paulino, para tomar conta do leme.

— Fiquei tonto — disse Hildebrando, com dificuldade. — Logo estarei bem.

Seu aspecto e a incapacidade de levantar-se negavam o otimismo. A recuperação não viria tão rapidamente.

Júlio, auxiliado por Rute, procurava localizar o ferimento, enquanto Paulino lutava para manter a direção e a altitude do aeróstato.

No espaço livre, acima do telhado, o rapaz tomava plena consciência do perigoso aumento da velocidade do vento, que começava a tomar conta da nave.

O tesouro perdido

Espessos rolos de fumaça desprendiam-se do imenso braseiro em que se transformara a residência, dificultando a visão dos novos aeronautas. Não distinguiam o que se passava em volta da fogueira.

Na verdade, o seu interesse concentrava-se no que ocorria no aeróstato. Paulino travava luta desigual com a fúria do vento, cuja velocidade excedera à previsão mais pessimista e arrastava a nave para o mar.

Após algumas tentativas visando o regresso, o rapaz convenceu-se de que a resistência poderia determinar a perda total do controle da máquina voadora, apressando o seu trágico fim, sob as ondas revoltas do oceano.

Desistiu de forçar modificação de rumo da nave, que se afastava perigosamente da costa.

Os fugitivos puderam apreciar, ao longe, o espetáculo impressionante do incêndio. Em pouco tempo, a residência e o último depósito de Ali Babá não seriam mais do que cinzas e destroços enegrecidos pelo fumo.

Paulino perguntava-se, com ansiedade: “Até quando o balão resistirá? Até onde seremos levados?”

As condições de Hildebrando preocupavam-no. Indagou de Júlio, que esclareceu:

— Não encontrei ferimento sério. Apenas um pequeno, na cabeça. Acho que a bala bateu de raspão e ele ficou atordoado. Teve sorte.

— É melhor que continue com ela — resmungou.

Falou alto:

— Vista o salva-vidas nele e em Rute. Não sabem nadar. Precisamos estar preparados.

O medo começava a insinuar-se entre os aeronautas, que estavam sentados no fundo da nacele. Procurando combater o desânimo, Cat levantou-se e correu os olhos em volta.

O vento expulsara as nuvens e o sol brilhava intensamente, permitindo uma visão mais ampla.

A menina gritou, apontando para o lado esquerdo:

— Vejam!

Paulino respirou; renascia a esperança.

— É Ilhabela. Chegaremos até lá.

Adquirira certa habilidade no controle do balão. Sem afrontar o vento, cuja velocidade tendia a reduzir-se, procurou corrigir a rota, colocando o aeróstato na direção daquele pedaço de terra, que, das alturas, parecia minúsculo.

Foi então que a nave começou a perder altura. A queda acentuou-se logo.

Apavorada, Rute gritou:

— Cuidado, Paulino! Veja o que pode fazer.

Júlio dava a sua versão:

— O gás escapa pelos furos resultantes da rajada de metralhadora que atingiu a tela. Temos de retardar o mergulho, aliviando de peso o balão.

— Muito bem — disse Paulino, que recuperara a confiança. — Atirem ao mar o que não for estritamente necessário.

— OK, capitão — ironiza Cat, que, de início, se retraíra, assustada.

Após livrar o balão de alguns objetos que julgou dispensáveis, avistou a maleta de Assad. Não se lembrou do conteúdo. Apanhou-a e deixou-a cair nas ondas. Somente depois de consumada é que Rute percebeu a irremediável perda.

Sepultava-se no oceano a fortuna que resultara de inúmeras e violentas abordagens. Perdia-se o tesouro dos piratas. Num minuto, frustrara-se o sonho de riqueza de Rute, que resolvera esquecer a origem criminosa da fortuna dos piratas.



*Foi então que a nave começou a perder altura.
A queda acentuou-se logo.*

A jovem não se conteve. Empurrou Cat e gritou:

— Por que fez isso? Por quê?

Espantada, a menina não reagiu. Disse apenas:

— A maleta não me pareceu “estritamente” necessária.

Lembrou-se, então, do que deveria conter. Exclamou, de olhos arregalados, lamentando sinceramente:

— Céus! Que burrice! Só posso pedir desculpas, mas de que adianta?

Com um gesto de desalento, Rute silenciou. Não sabia se o namorado estava vivo ou morto, o pai seria preso e, naquele momento, findava o sonho de riqueza. Teve vontade de chorar.

Júlio prosseguia na tarefa de descarregar os objetos dispensáveis.

O aeróstato reequilibrou-se e a descida se retardou.

— Estamos próximos — animou-se Paulino. — Logo chegaremos à terra.

32

O naufrágio

Já se distinguia gente na praia da ilha, mas o balão voltou a perder altura. Não adiantou Júlio livrá-lo do material que restara após a primeira limpeza.

— Tirem as sandálias e fiquem com o mínimo de roupa — comandou Paulino. — Teremos de nadar.

Rute apavorou-se:

— Não sei! — gritou, frenética.

— O colete salva-vidas ajuda e Júlio estará a seu lado. É ótimo nadador.

Dirigiu-se ao primo:

— Tome conta dela. Eu me incumbo do seu Hildebrando.

— E eu de Rosnã — completou Cat.

Paulino continuou:

— Assim que tomarmos contato com a água, pulem todos para o mais longe possível na direção da praia e nadem. Não podemos estar no local em que o balão cair. A tela nos cobriria e haveria sempre um resto de gás, o suficiente para sufocar quem estiver embaixo. Seria morte certa.

Júlio ajudou Hildebrando, cujas condições de saúde melhoravam, a colocar-se junto à portinhola da nacele. Apertou suas mãos na borda e disse:

— Segure firme, até Paulino dizer para saltar.

Rute tremia, apavorada, mas o menino conseguiu estabelecê-la também junto à porta. Cat, agarrada a Rosnã, aguardava.

— Tudo certo — gritou Júlio.

Paulino procurava manter a nave na direção da praia, atento à incontrolável descida. Animou a trêmula e chorosa Rute:

— Só mais dois minutos, companheira.

Recomendou ao primo:

— Se ela hesitar, empurre a medrosa. E com força.

O aparelho chocou-se na água. Elevou-se por um metro e tornou a cair.

— Agora! — gritou o rapaz.

Cat saltara, agilmente, por sobre a borda, levando o cão. Nadou vigorosamente, empurrando-o.

Paulino desprende as mãos de Hildebrando da borda e atirou-se à água, puxando-o. O salva-vidas trouxe-o logo à tona. Passou a impeli-lo, com energia, para a praia.

Rute, gritando de medo, recusava-se a largar a borda.

Júlio teve de puxá-la com força e, em seguida, empurrá-la violentamente para o mar. Em contato com a água, encontrou ânimo para cooperar. O salva-vidas emprestara-lhe certa confiança. Procurou facilitar a tarefa do seu companheiro.

33

Chegada à praia

Cat, Júlio e Paulino nadavam com firmeza, estes dois mais atrás. Precisavam continuar ajudando Rute e o pai, que não conseguiriam chegar se contassem apenas com os próprios recursos.

Depois de cinquenta metros, a menina deteve-se e, voltando-se, presenciou a agonia e a morte do aeróstato, tragado pelo oceano. O balão de gás resistiu um pouco, mas a pressão da água abreviou o esvaziamento. A nacele e o motor puxaram a tela, melancolicamente, para o fundo.

Cat recomeçou as braçadas firmes e ritmadas, liderando os companheiros e animando Rosnã.

Logo teve companhia. Afluíram surfistas, desejosos de ajudar. Os náufragos chegavam à bela praia de Castelhanos.

O vento forte cedera lugar a leve brisa, aquecida pelo sol brilhante de um céu límpido. Inúmeros banhistas acudiam ao convite do tempo excelente.

Foram recebidos com aplausos. Voluntários encarregaram-se de conduzir Hildebrando e Rute à praia. Logo seriam levados ao posto de saúde local. O velho precisava de socorros urgentes; Rute recusou-se a separar-se do pai.

Os demais dirigiram-se ao hotel Ondas Verdes, de propriedade de um amigo do pai de Paulino.

Cat foi a primeira a telefonar, entremeando as informações com lágrimas emocionadas. Em seguida, Paulino ouviu as expressões de alegria de sua mãe, que interrompeu a narrativa:

— Fale com seu pai. Estava ansioso.

Surpreendeu-o o carinho de Tomás, que sempre julgara distante, quase indiferente.

— Encontraram, estendido na estrada, um rapaz ferido. Deu notícia de vocês.

— É Raimundo — exclamou Paulino, com entusiasmo. Está bem?

— Encontra-se no hospital de Estrela. Sofreu contusões e um

ferimento relativamente grave. Perdeu um bocado de sangue.

Continuou:

— O doutor delegado organizou um grupo, para libertar vocês e prender os bandidos. Eu e Aníbal participamos.

Tomás queria mais pormenores.

— O fogaréu ajudou a encontrar o local. Ficamos surpresos com as explosões e... a queima de fogos. Que brincadeira foi aquela?

— Depois conto. Chegaram perto da fogueira?

— Sim. Gente apavorada tentava fugir. Foram detidos vários indivíduos armados, participantes de uma quadrilha que assaltava barcos ancorados e até em curso.

Continuou:

— Chegamos a ver o balão, afastando-se para o mar. Juraria que você era um dos aeronautas. Nunca perderia um passeio como aquele — finalizou, rindo.

Almoçaram rapidamente e dirigiram-se ao posto de socorro. Queriam levar a boa-nova sobre Raimundo. Estavam apreensivos pela saúde e pela sorte de Hildebrando.

34

Esperança para Hildebrando

Estacionou, à saída do posto, uma ambulância. Apareceram enfermeiros, que conduziam Hildebrando na maca. Ao lado, segurando sua mão, seguia Rute.

O paciente estava pálido e as feições contraídas revelavam sofrimento. Fez ligeiro aceno para os rapazes e esboçou descorado sorriso para Cat.

Esta aproximou-se, comovida, e acariciou o rosto do velho.

— Trate de ficar bom logo. Precisa cumprir a promessa de explicar-me o funcionamento do aerós.. . Como é mesmo, Paulino?

— Aeróstato.

— É isso aí. Deviam mudar nome tão antipático.

Hildebrando acenou afirmativamente, sorrindo.

Rute dizia a Paulino e a Júlio:

— Vai para o hospital de São Sebastião. Aqui faltam recursos e o médico não quer responsabilizar-se.

— Ficaré bom — opinou Júlio.

— Assim espero, mas ele não conta com isso e. . . — levou a mão aos olhos para conter uma lágrima — nem parece interessado.

Controlando a emoção, acrescentou:

— Queria que chamasse o delegado, para entregar-se. Foi uma luta para que concordasse em adiar.

— Vou dar um palpite — disse Paulino. — Ele deve recuperar a saúde e, em seguida, viajar para Estrela. Lá se apresentará ao delegado. Dr. Diogo

tem fama de ser honesto e compreensivo. É o que meu pai disse mais de uma vez. Ouvirá as nossas opiniões sobre seu Hildebrando, que muito cooperou para escaparmos e merece um tratamento justo.

Ela sorriu, agradecida. Era a primeira demonstração de solidariedade. Seu pai necessitaria de muita ajuda.



O tesouro perdido ficou no fundo do mar . . .

Beijou todos e prometeu escrever. Cat mereceu atenção especial. Abraçou-a e disse:

- Fui estúpida com você.
- Nada disso. Eu merecia umas boas palmadas, por ser tonta e atirar

a preciosa maleta ao mar.

— Esqueça. Não nos pertencia. O importante é que nos separamos amigas. Sabe que o pai gostou muito de você?

— E eu dele e também de você — disse a menina sorrindo, emocionada.

Quando a ambulância dobrou a esquina, Cat readquirira a habitual petulância. Dirigiu-se a Paulino:

— Garoto, com os devidos descontos e sem muito exagero, acho que você foi um bocado legal.

Levantou a cabeça, atirando os belos cabelos para trás, e disse, com ar desafiador:

— Daqui a dois anos, deixarei que você me namore, está bem?

— Sim, está bem, Cat.

A suavidade da voz e o olhar temo de Paulino perturbaram a menina. Enrubescu.

Júlio zombou:

— Ih! Ela ficou vermelha como um tomate maduro!

O troco foi imediato:

— É um mistério, como pode aguentar a própria burrice, Júlio!

Caminharam para a beira-mar, detendo-se sobre pequena formação rochosa.

Ficaram apreciando o vaivém contínuo das ondas, mas o prático Júlio não se interessava pela beleza eterna do oceano. Apontou para um ponto não muito longe e disse:

— Seria capaz de estabelecer, aproximadamente, o local em que a maleta afundou. Lembra-se, Paulino? Já mergulhamos naquela zona. A profundidade não é grande.

O companheiro olhava sonhadoramente. As palavras poderiam ser interpretadas como um convite:

— Três bons mergulhadores...

Mas esta é outra história.